



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA



DANIELLE MILENNE PRÍNCIPE NUNES

**O INFERNO VERDE: NARRATIVAS SOBRE RISCO, SAÚDE E
MORTES NOS CANAVIAIS**

RECIFE
2015

DANIELLE MILENNE PRÍNCIPE NUNES

**O INFERNO VERDE: NARRATIVAS SOBRE RISCO, SAÚDE E MORTES NOS
CANAVIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

**Orientadora: Prof^a Dr^a Rosineide de
Lourdes Meira Cordeiro**

RECIFE
2015

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

- N972i Nunes, Danielle Milenne Príncipe.
O inferno verde : narrativas sobre risco, saúde e mortes nos canaviais /
Danielle Milenne Príncipe Nunes. – 2015.
107 f. : il. ; 30 cm.
- Orientadora : Prof^ª. Dr^ª. Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2017.
Inclui Referências e apêndices.
1. Psicologia. 2. Agroindústria. 3. Trabalhadores migrantes. 4.
Trabalhadores rurais – Doenças. 5. Trabalhadores rurais – Avaliação de
riscos de saúde. 6. Cana-de-açúcar – Agricultura. I. Cordeiro, Rosineide de
Lourdes Meira (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-148)

DANIELLE MILENNE PRÍNCIPE NUNES

O inferno verde: Narrativas sobre risco, saúde e mortes nos canaviais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: 25/02/2015

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro
(Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca
(Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Marcelo Saturnino da Silva
(Examinador Externo)
Universidade Estadual da Paraíba

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida!

Agradeço ao meu amor e melhor amigo Ediberto, por compreender as ausências de perto e de longe enquanto a caminhada seguia.

A minha família, meu pai Odilon, minha mãe Vera, meus irmãos Igor e Cássia, pelo apoio e incentivo desde que decidi enfrentar a empreitada do mestrado.

A professora Rosineide Cordeiro, pela acolhida, paciência e compartilhamento de momentos, conhecimentos e experiências durante esses dois anos.

As parceiras da pesquisa 'Narrativas' Giliane, Débora, Thaís, Rebeca, Fernanda e Vanessa pelos encontros e trocas.

Sou grata a Lea, amiga que o mestrado me apresentou e que compartilhou comigo angústias, estresses, risadas e felicidade.

A tio Enoque e Patrícia pelo teto e a companhia em Recife durante esses dois anos.

3

A minhas amigas do sertão Polyana e Renata. O meu obrigada pela força e trocas de ideias, confidências e afeto.

A Marcelo Saturnino, por me apresentar o universo de fazer pesquisa e os migrantes do sertão.

Agradeço à grande oportunidade de diálogo com o professor Jorge Lyra.

A Neilda, Alda, Íris e Sr. Nabé por me apresentarem Santa Cruz da Baixa Verde de uma jeito que eu ainda não conhecia.

Aos trabalhadores por compartilharem comigo suas experiências.

A todos e todas, o meu reconhecimento e meu muito obrigado!

RESUMO

A expansão e a crescente modernização do agronegócio canavieiro brasileiro continuam atraindo a migração de nordestinos para o trabalho na colheita manual da cana-de-açúcar. A atual organização do trabalho tem como marca a precarização das condições de trabalho e a remuneração por produtividade. Diante desse contexto o presente trabalho teve como objetivo investigar experiências sobre trabalho, riscos, adoecimentos e morte nas narrativas de trabalhadores migrantes nordestinos, da colheita manual da cana-de-açúcar, do município de Santa Cruz da Baixa Verde – PE. Metodologicamente, fizemos uso da abordagem qualitativa tendo abordagem teórico-metodológica a narrativa. Os dados foram produzidos por meio de entrevistas narrativas individuais com trabalhadores migrantes do município de Santa Cruz da Baixa Verde - PE. A partir das narrativas dos trabalhadores pudemos entender que a decisão migrar para em busca de outra fonte renda acontece por diversos motivos, entre eles a precarização da agricultura familiar, a falta de oportunidade de conseguir uma colocação no mercado de trabalho local. Entendemos através das narrações que o ritmo acelerado do trabalho pode trazer riscos imediatos para a saúde do trabalhador com os acidentes de trabalho, mas também pode gerar um desgaste irreversível em longo prazo. No entanto identificamos que a noção de risco que aparece nas falas dos cortadores de cana está marcada pelo discurso médico e da segurança do trabalho que transfere para o trabalhador o gerenciamento dos riscos. E por fim, que o processo de trabalho e o pagamento por produção são responsáveis pelas mortes por excesso de trabalho, para que essas mortes sejam evitadas é necessário uma mudança no processo de trabalho nos canaviais e o fim do pagamento por produção.

Palavras-chave: Trabalhador migrante. Risco. Saúde. Agronegócio.

ABSTRACT

The expansion and the increasing modernization of the Brazilian sugar cane agribusiness continue to attract migration from the Northeast to work in manual harvesting of cane sugar. The current organization of work was characterized by the precarious working conditions and remuneration for productivity. In this context the present study was to investigate experiences of work, risks, illnesses and death in the narratives of Northeastern migrant workers, manual harvesting of cane sugar, the municipality of Santa Cruz Lower Green - PE. Methodologically, we used the qualitative approach with theoretical and methodological approach to narrative. The data were produced through interviews with individual narratives migrant workers in the city of Santa Cruz Lower Green - PE. From the workers' narratives we understand that the decision to migrate in search of another income source happens for several reasons, including the precariousness of family farming, lack of opportunity to get a placement in the local market. We understand through the narrations that the fast pace of work can bring immediate risks to the health of workers with occupational accidents, but can also generate an irreversible long-term wear. However we found that the notion of risk that appears in the speeches of cane cutters is marked by the medical discourse and job security for workers transferring the management of risks. Finally, the process of work and payment for production are responsible for the deaths from overwork, so that these deaths are avoided a change is necessary in the work process in the cane fields and the order of payment for production.

Keywords: Migrant worker. Risk. Health. Agribusiness.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Localização do município de Santa Cruz da Baixa Verde – PE	20
FIGURA 2 - Vista da cidade de Santa Cruz da Baixa Verde – PE	21
FIGURA 3 - Vista panorâmica do sítio Baixa das Flores, Santa Cruz da Baixa Verde – PE	25
FIGURA 4 - Mapa da produção da cana-de-açúcar no Brasil	37

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	DA ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	13
2	CAMINHOS METODOLÓGICOS	15
2.1	A NARRATIVA COMO ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA	15
2.2	OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
2.2.1	Tipo de estudo e a produção das narrativas	19
2.3	REALIZAÇÃO DA PESQUISA	20
2.3.1	Iniciando o trabalho de campo	22
2.3.2	Dificuldades Metodológicas.....	29
2.4	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	30
3	AGRONEGÓCIO CANAVIEIRO: CONTEXTO HISTÓRICO E O TRABALHO NOS CANAVIAIS	32
3.1	O CONTEXTO HISTÓRICO E A PRODUÇÃO DO ETANOL BRASILEIRO	32
3.2	A MIGRAÇÃO DE TRABALHADORES	39
3.3	O TRABALHO NOS CANAVIAIS: AS MODALIDADES DE COLHEITA DA CANA DE AÇÚCAR	43
3.3.1	O corte mecanizado	43
3.3.2	O corte manual	46
3.4	O SISTEMA DE REMUNERAÇÃO DO TRABALHADOR	48
4	RISCO, SAÚDE E ADOECIMENTO.....	51
4.1	RISCOS	51
4.1.1	O risco e as diferentes abordagens teóricas	54
4.1.2	A sociedade de risco	55
4.2	O CONCEITO DE SAÚDE A PARTIR DE UM OLHAR EPISTEMOLÓGICO	59
4	NARRATIVAS DE HOMENS SERTANEJOS SOBRE SER CORTADOR DE CANA	63

5.1	O SERTANEJO MIGRANTE: A VIVÊNCIA DO PROCESSO MIGRATÓRIO E DO TRABALHO NOS CANAVIAIS	63
5.1.1	Perfil geral dos trabalhadores	63
5.1.2	A seleção de pessoal	66
5.1.3	A viagem	68
5.1.4	O trabalho nos canaviais: o plantio e a colheita da cana-de-açúcar... ..	70
5.2	QUE RISCOS O TRABALHO TÊM?	75
5.3	DOENÇAS E MORTES: O OUTRO LADO DA PRODUÇÃO CANAVIEIRA	83
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
	REFERÊNCIAS	96
	APÊNDICES	103
	APÊNDICE A – ROTEIRO PARA PRÉ-ENTREVISTA	103
	APÊNDICE B – PERGUNTA GERADORA ENTREVISTA NARRATIVA	105
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	106

1 INTRODUÇÃO

Senhor, sou chamado de boia fria
Mais com muito amor eu trabalho
Levanto todo dia de madrugada
Enfrento chuva, frio e orvalho

Chego bem cedo na lavoura
Pra Deus rezo e tiro o chapéu
Pedindo saúde pra manter minha família
E agradecendo as forças do céu

E assim começo o trabalho
O suor escorre em meu rosto
Sou um sangue sertanejo
E trabalho com muito gosto
(Nelson Ferreira)

Este é o meu terceiro trabalho que tem como foco homens nordestinos que migram para o trabalho no corte manual da cana de açúcar na região centro-sul do país.

Apesar de ter vivido toda a minha vida no sertão de Pernambuco, especificamente no município de Serra Talhada, eu não tinha muito contato com trabalhadores que realizavam esse movimento migratório. Apesar de a minha família ser de municípios circunvizinhos e de alguns parentes terem se deslocado para outros estados em busca de melhores oportunidades de emprego, nenhum deles trabalhou no corte da cana.

O meu interesse pela migração temporária de nordestinos para áreas de produção da cana-de-açúcar teve origem na minha iniciação científica, quando recebi o convite para integrar o grupo de pesquisa em “Migração, Saúde e Direito” da Faculdade de Integração do Sertão – FIS, em Serra Talhada – PE. Entre os anos de 2009 e 2011, o grupo investigou os reflexos da migração de trabalhadores oriundos das áreas de agricultura familiar do Sertão do Pajeú, em Pernambuco, com destino as áreas da indústria canavieira, no interior dos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Após um período de estudo das literaturas acerca da temática migração, realizamos pesquisas de campo nos municípios de Tavares, Princesa Isabel e Juru na Paraíba e Santa Cruz da Baixa Verde, Quixaba e Carnaíba em Pernambuco, onde foi possível o contato com os trabalhadores, que relataram suas experiências

das condições de trabalho, relações sociais e assistência de saúde nas cidades do interior de São Paulo, onde passavam cerca de oito meses na colheita da cana-de-açúcar.

Além de tudo isso, a história de vida de alguns cortadores de cana que ouvi durante os campos realizados com o grupo de pesquisa, deixaram marcas em mim e que me impulsionaram a continuar pesquisando esses homens e mulheres que deixam por meses seus amores nas cidades de origem (sejam eles mães, esposas, namoradas, filhos (as)).

A saudade de casa, o sofrimento vivido no trabalho, o adoecer fora de casa, a ausência de amigos que iniciaram juntos a safra e que não voltaram porque os canaviais ceifaram sua vida, foram temas recorrentes nas conversas com os trabalhadores e que mereciam ser discutidos e refletidos.

Como acadêmicas de enfermagem, alguns colegas e eu, direcionamos nosso olhar durante os campos com o intuito de identificar os impactos causados pela atividade de cortar cana-de-açúcar na saúde desses trabalhadores e refletir de acordo com os relatos desses, acerca do adoecimento. Podendo perceber que, ao adoecerem, os cortadores de cana muitas vezes escondem os sintomas, por medo de perder o emprego ou ter o salário reduzido, deixando, portanto, para falar sobre suas dores e procurar assistência médica quando não aguentam mais.

A partir desse contato e das reflexões realizadas meu olhar se voltou para o universo no qual o cortador de cana está inserido e vi então a necessidade de refletir de forma mais profunda acerca das atividades que esses trabalhadores desenvolvem do como e o porquê delas estarem ligadas aos impactos na saúde física e mental desses sujeitos.

Como principal produto dessa participação no grupo de pesquisa surgiu o meu trabalho de conclusão de curso da graduação em Enfermagem, no ano de 2011, cujo tema foi “Percepção do preconceito entre os migrantes nordestinos no interior do Estado de São Paulo”. A partir da pesquisa realizada no município de Tavares-PB foi possível constatar que além das condições de trabalho desgastantes e degradantes, e da saudade dos familiares, os trabalhadores-migrantes vivenciam ainda situações de preconceito que dificultam as relações com os habitantes das cidades de destino. Entre elas estão a identificação dos trabalhadores pelos locais de origem, o deboche quanto ao sotaque nordestino, o vestuário, além de serem apontados como os principais responsáveis pelo aumento da poluição sonora,

poluição ambiental e elevação nos índices de acidente, furtos, greves durante os meses de duração da safra.

Em 2013, como tema do trabalho final da especialização em Saúde Pública, optei por realizar uma revisão da literatura, procurando refletir e entender como a temática da migração e os adoecimentos causados pelo trabalho na colheita manual da cana vêm sendo pesquisados e debatidos. Pude então pontuar os principais riscos que o processo migratório, as condições de trabalho que os trabalhadores vivenciam podem trazer implicações nefastas para sua saúde e qualidade de vida.

Mesmo com os produtos das pesquisas que realizei e o compartilhamento de experiências e conhecimentos no campo com outras pessoas algumas inquietações permaneceram. Entre tantas, elegi duas perguntas que norteariam o processo de construção e desenvolvimento da presente pesquisa, sendo elas: como a experiência do trabalho, dos adoecimentos e das mortes é narrada pelos trabalhadores migrantes? E ainda, por que esses trabalhadores mesmo expostos a esses riscos migram repetidas vezes para esse trabalho desgastante?

Entendo aqui experiência como algo que não é em sua essência pessoal, mas que está perpassado por um contexto social, historicamente variável. De acordo com Scott (1999),

A experiência é um evento linguístico (não acontece fora de significados estabelecidos), mas não está confinada a uma ordem fixa de significados. Já que o discurso é, por definição, compartilhado, a experiência é coletiva assim como individual. Experiência é uma história do sujeito. A linguagem é o local onde a história é encenada. (SCOTT, 1999, p. 16).

Desse modo o interesse desse estudo está nas experiências por trabalhadores-migrantes do município de Santa Cruz da Baixa Verde, no sertão de Pernambuco, que migram a mais de uma safra para a colheita da cana-de-açúcar na região centro-sul do país, especificamente os estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais.

Para melhor entendimento da temática faz-se necessário discutir de início sobre o tipo de migração e quais trabalhadores são o foco do estudo que desenvolvi.

A maior parte da força de trabalho recrutada pelo agronegócio canavieiro dos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, consiste em homens oriundos do Nordeste brasileiro e do Vale do Jequitinhonha - MG. Essa migração é caracterizada especificamente pela sazonalidade, uma vez que o deslocamento desses

trabalhadores para a colheita da cana-de-açúcar tem uma duração média de oito meses e é marcada pelo retorno dessas pessoas aos seus locais de origem após o termino da safra (SILVA, 1999; MENEZES; SATURNINO, 2007).

Por conta dessa sazonalidade e do retorno do cortador de cana para casa, no espaço desse trabalho nomearemos, em consonância com outros autores, esse público de trabalhador migrante.

É a partir do mês de janeiro, que o recrutamento de cortadores cana acontece nas cidades interioranas. Esses municípios têm como principal fonte de renda, os empregos públicos, o comércio (gêneros alimentícios, materiais de construção, vestuário) ou o lazer (bares e lanchonetes), os programas de transferência de renda como a bolsa família, além dos benefícios previdenciários como pensões e aposentadorias. De acordo com Silva (2011), a maior parte dos migrantes é oriunda das áreas rurais desses municípios, do sexo masculino, com baixa escolaridade e que trabalham na agricultura familiar.

As usinas buscam trabalhadores hábeis, que possuam força, destreza e resistência física. Esses pré-requisitos são observados durante o recrutamento dos trabalhadores pelos arregimentadores, também conhecidos como “gatos” que são os responsáveis pela formação das turmas que se dirigirão para o corte da cana, e pelos médicos do trabalho durante os exames admissionais. Quando o trabalhador não se encaixa nos pré-requisitos impostos pelas usinas e fornecedores eles são cortados das listas de vagas (SILVA, 2011).

No processo de trabalho, esses migrantes precisam obedecer ao ritmo de trabalho desgastante e intenso da produção, bem como cumprir as exigências sobre a forma como devem ser realizados o corte, a disposição da cana. Além dessas exigências os cortadores de cana ainda têm de vencer os perigos e insalubridades próprios do trabalho.

O anseio é que essa pesquisa possa contribuir para uma maior discussão acerca dos estudos sobre os trabalhadores rurais migrantes dentro do campo da Psicologia Social, bem como expandir esse debate para a realidade de outros trabalhadores brasileiros que se encontram em situação semelhante.

1.1 DA ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo investigar experiências sobre trabalho, riscos, adoecimentos e morte nas narrativas de trabalhadores migrantes nordestinos, da colheita manual da cana-de-açúcar, do município de Santa Cruz da Baixa Verde – PE. Nesse sentido buscaremos 1) Compreender como a migração, as relações e os riscos relacionados ao trabalho são vivenciados pelos trabalhadores-migrantes; 2) Entender como os trabalhadores migrantes se posicionam diante das condições e relações de trabalho durante o período da colheita manual da cana-de-açúcar; 3) Identificar os discursos e silenciamentos sobre adoecimentos e mortes nas narrativas dos trabalhadores.

A dissertação está organizada em quatro capítulos. No *primeiro capítulo*, Caminhos metodológicos, discutiremos sobre a narrativa como uma abordagem teórico-metodológica, mostramos como foi a pesquisa de campo e apresentamos os participantes da pesquisa. O segundo capítulo, *Agronegócio canavieiro: contexto histórico, organização, mudanças e o trabalho nos canaviais*, apresentamos o cenário político, social e do trabalho que envolve o cortador de cana. Em seguida, com o capítulo intitulado *Risco, saúde e adoecimento*, pensamos a noção de risco, e trazemos uma discussão sobre saúde e adoecimento. E por fim, no quarto capítulo *Narrativas de homens sertanejos sobre ser cortador de cana*, serão discutidos e analisados os resultados da pesquisa.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

2.1 A NARRATIVA COMO ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Narrar. Descrevendo o ato de narrar, por si só, poderíamos simplesmente dizer que ele é uma exposição de fatos ou acontecimentos, ou até mesmo que as narrativas são histórias reais ou fictícias contadas através da escrita ou da fala. Porém a narrativa é mais, ela nos permite refletir sobre fatos que foram essenciais na própria construção dela. Benjamin (1994) afirma que a narrativa está presente em cada idade, lugar, sociedade estando diretamente ligada a história da humanidade uma vez que narrar está ligada ao viver.

O compartilhamento de histórias proporcionado pela narração permite ao contador da história avaliar e refletir sobre os acontecimentos que viveu e a reaprender com eles. Para o ouvinte ou leitor a narrativa permite o entendimento de sua própria história, podendo esta ser associada de alguma forma com a narrativa.

Dessa forma a narrativa dá a possibilidade de um cruzamento entre as vidas do ouvinte e do narrador, podendo ser interpretada e recriada de acordo com as suas próprias formas de pensar e agir (MORAES, 1999; 2000). Quando escreve ou fala sobre si, o narrador acaba desenvolvendo uma forma de comunicação que está situada entre o individual e o coletivo, pois essa dualidade está presente tanto em quem conta a história, quanto em quem ouve (CUNHA, 2009).

As narrativas podem ser eficientes para viabilizar a coleta de informações permitindo ao pesquisador mostrar situações e explicações presentes no cotidiano de grupos específicos. Narrar vai além do ato de lembrar acontecimentos vividos, pois ao produzir uma narrativa o percurso de vida é considerado, portanto durante o processo narrativo sentimentos e subjetividades estarão presentes durante toda a narração (WITTIZORECKI et al, 2006).

Embora a narrativa, como instrumento de produção de dados, venha sendo utilizada na pesquisa qualitativa há muito tempo, ela ainda é considerada como algo novo no que diz respeito à estratégia investigativa. Mas, foi apenas na atualidade que ciências como a Sociologia, Psicologia, História, Filosofia e Antropologia passaram a utilizar as narrativas em seus estudos (CUNHA, 2009).

No livro *Pesquisa Narrativa: experiência e história em Pesquisa Qualitativa*, de Clandinin e Connelly (2011) o termo narrativa pode ser usado para se referir tanto ao fenômeno narrado, quanto ao método para compreender as vivências narradas. Assim tanto o uso da expressão pesquisa com narrativa, quanto pesquisa narrativa estaria correto, uma vez que a narrativa pode ser entendida como fenômeno e como método de pesquisa. Porém para diferenciar os termos os autores sugerem que o fenômeno estudado seja chamado de história e a pesquisa de narrativa.

Brockmeier e Harré (2003) nos mostram que definir narrativa não é uma tarefa fácil e isso acontece devido à multiplicidade de estilos, formas e da presença de elementos narrativos nos mais variados tipos de discursos. Todavia esses autores entendem a narrativa como “formas inerentes em nosso modo de alcançar conhecimentos que estruturam a experiência do mundo e de nós mesmos” (2003, p. 530).

Outra definição que podemos encontrar de narrativa é a feita por Benjamin (1980), na qual ele diz que a narrativa é uma forma artesanal de comunicação que não está diretamente interessada na transmissão da verdade ou pureza do fato narrado como se fosse um relatório. Ela é um mergulho na vida do narrador que posteriormente será externada.

Seguindo em outra direção Clandinin e Connelly (2011) não trazem uma definição de pesquisa narrativa, mas propõem aos pesquisadores “aprender a pensar de forma narrativa”, através da contextualização e das experiências vividas por eles como pesquisadores narrativos. Destacam ainda que a pesquisa narrativa é considerada um processo dinâmico de um contar, viver e reviver histórias narradas pelos entrevistados, sem deixar de envolver os pesquisadores.

Sendo “a vida preenchida de narrativas decretadas em dados momentos históricos de tempo e espaço, e refletidos e entendidos em termos de unidades narrativas”, Clandinin e Connelly (2011) mostram que ao entendermos o mundo de forma narrativa, que outra forma seria melhor de estudá-la se não através da pesquisa narrativa?

Então por que usar a pesquisa narrativa? Essa é uma pergunta que aparece em vários trechos do livro de Clandinin e Connelly (2011), e a resposta para ela é que “a pesquisa narrativa é um caminho para pensar sobre a experiência” (2011, p. 119). E é considerando a narrativa a melhor forma de representação e de

compreensão da experiência que esses autores afirmam que a narrativa é o ponto central para que a experiência seja entendida.

Jovchelovitch e Bauer (2002, p.110) nos mostram ainda que “a narrativa privilegia a realidade do que é experienciado pelos contadores de história: a realidade de uma narrativa se refere ao que é real para o contador de história” e que é através do recordar que o narrar proporciona às pessoas lembranças de acontecimentos que colocam suas experiências em sequência.

Podemos associar essa afirmação à de Fanton (2011) quando o mesmo diz que a narração é uma das formas mais eficazes de nos aproximarmos das experiências e situações tal quais foram vivenciadas pelo indivíduo que produz a narrativa (FANTON, 2011).

Dessa forma é ao entender a experiência como algo contínuo que Clandinin e Connelly (2011) afirmam que a noção de experiência é desenvolvida por meio de experiências anteriores que levaram a novas. Em qualquer lugar em que estejamos posicionados haverá uma experiência passada que será à base de uma nova experiência.

Contar histórias envolve duas dimensões: a cronológica, que refere a narrativa como uma sequência de episódios, e a não cronológica, que implica a construção de um todo a partir de sucessivos acontecimentos, ou a configuração de um “enredo”.

As narrativas não devem ser consideradas apenas como uma listagem de acontecimentos, mas sim como uma tentativa de interligá-los no tempo e no sentido. Sentido este que não está no desfecho da história e sim presente em todo o período de narração. Dessa forma, a narrativa deve ser compreendida não como uma sequência cronológica dos acontecimentos descritos pelo narrador, mas também reconhecida na dimensão não cronológica expressa nos sentidos e funções que transpassam o enredo (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2007)

Nessa forma de abordagem, o pesquisador adentra no seu campo de pesquisa durante a ocorrência dos fatos e tem de se retirar ainda do desenrolar das histórias, quando o viver, o contar, o reviver e o recontar das histórias de experiências de vida das pessoas ainda não foi cessado. As pessoas são vistas como suas próprias histórias, e encaradas pelos pesquisadores narrativos como vidas múltiplas que compõe e são compostas por narrativas sociais e culturais (CLANDININ e CONNELLY, 2011).

A pesquisa narrativa tem como concepção um conjunto de termos que criam um 'espaço tridimensional' para a investigação narrativa. Estes espaços são: a temporalidade (primeira dimensão); o pessoal e o social (segunda dimensão), e o lugar (terceira dimensão). As dimensões abordam assuntos temporais, focam no pessoal e no social e ocorrem em lugares específicos. A temporalidade é considerada por eles uma questão central, ao destacar que o tempo é um fenômeno que não pode ser esquecido nessa forma de pesquisar, pois ao falar sobre sua história o narrador articula os vários tempos (presente, passado e futuro). Quando uma narrativa é composta nós nos movemos no espaço tridimensional através da rememoração de fatos passados que influenciarão o presente (CLANDININ e CONNELLY, 2011).

O fato do pesquisador narrativo está inserido no espaço com os participantes de suas pesquisas, deixa claro que é impossível para esse pesquisador se manter distante ou silenciar-se durante o processo de investigação, uma vez que muitas das suas histórias particulares e vividas podem emergir e se tornarem visíveis junto com a dos participantes (CLANDININ e CONNELLY, 2011).

Alguns questionamentos sobre a pesquisa narrativa vêm sendo apontados, um deles coloca em discussão a veracidade dos fatos narrados como um ponto frágil. Todavia os pesquisadores narrativos entendem que a representação da realidade que o narrador faz das experiências vividas são fontes de aprendizado, de formação pessoal e profissional. Dessa forma não é o fato vivido que marca o narrador, e sim como esse fato é interpretado e o que ele significa para a sua subjetividade (BENJAMIN, 1980).

2.2 OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar experiências sobre trabalho, riscos, adoecimentos e morte nas narrativas de trabalhadores migrantes nordestinos, da colheita manual da cana-de-açúcar, do município de Santa Cruz da Baixa Verde – PE.

Entre os objetivos específicos estão:

1. Compreender como a migração, as relações e os riscos relacionados ao trabalho são vivenciados pelos trabalhadores-migrantes;
2. Entender como os trabalhadores migrantes se posicionam diante das condições e relações de trabalho durante o período da colheita manual da cana-de-açúcar;
3. Identificar os discursos e silenciamentos sobre adoecimentos e mortes nas narrativas dos trabalhadores

2.2.1 Tipo de estudo e a produção das narrativas

O estudo aqui proposto é de cunho qualitativo e teve como foco a experiência de cortadores de cana sobre o contexto que envolve a migração e o trabalho nos canaviais.

Após serem realizadas as apresentações iniciais, as explicações sobre a pesquisa e qual era o meu objetivo com os dados que fossem gerados, utilizei um questionário geral para obter informações como idade, escolaridade, número de migrações, principais locais de destino, entre outros. Essa primeira conversa com o uso do questionário facilitava o contato inicial e o trabalhador ficava mais à vontade para a segunda parte da entrevista. Após esse primeiro momento, com a autorização do entrevistado o gravador era ligado.

Uma vez que utilizamos a narrativa como abordagem teórico-metodológica, o instrumento usado para produção das narrativas foi à entrevista narrativa. A entrevista narrativa tem em vista uma situação que encoraje e estimule o entrevistado a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua trajetória de vida ou do contexto social no qual está inserido (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2007).

Ao final do preenchimento do questionário e da resposta positiva em continuar a conversa com o gravador ligado, era proposta aos trabalhadores a seguinte pergunta geradora: “Como é para você, ser um cortador de cana?”. A partir dessa pergunta a conversa fluía de acordo com as memórias que o entrevistado trazia à tona, ou quando era pedido que ele se aprofundasse em algum tema já trazido, mas que tinha sido pouco explorado.

Esse método de entrevista não se enquadra no esquema pergunta-resposta, não sendo esta pré-estruturada, porém é composta por etapas ordenadas e

conduzidas a proporcionar ao entrevistado estímulo e conforto para narrar sua vida (FANTON, 2011). A intenção desse tipo de entrevista é motivar o narrador a produzir uma narrativa espontânea.

Com o intuito de registrar as informações, impressões, reflexões sobre o cotidiano, contexto social e as performances ocorridas nas entrevistas durante o período de coleta de dados, utilizei um caderno que nomeei como diário de campo no qual fiz as notas e registros dos dias que estive em Santa Cruz da Baixa Verde. De acordo com Falkembach (1987) combinar o diário de campo com outras técnicas de investigação não só contribui para o registro dos dados, mas se fez necessário para o aprofundamento da busca de informações no momento da análise.

2.3 REALIZAÇÃO DA PESQUISA

O município de origem dos trabalhadores migrantes desta pesquisa é Santa Cruz da Baixa Verde, Pernambuco, que fica situado a 447 km do Recife capital do estado. Localizado no Sertão do Pajeú em Pernambuco o município faz limite ao norte com o município de Manaíra, na Paraíba; ao sul, com os municípios de Calumbi e Serra Talhada; a leste, com Triunfo; e a oeste com Serra Talhada (IBGE, 2014).

FIGURA 1- Localização do município de Santa Cruz da Baixa Verde - PE



Fonte: Observatório Socioeconômico – IFPE Sertão Pernambucano.

É uma região de clima tropical quente e úmido, com um relevo predominantemente ondulado, onde se destacam as serras. O município está

inserido na bacia hidrográfica do Rio Pajeú, apesar do referido rio não banhar a cidade, a demanda de água do município é suprida por meio das águas retiradas de poços profundos e amazonas presentes no município.

Com apenas 23 anos de emancipação política, Santa Cruz da Baixa Verde tem uma população de 11.768 habitantes, desse total 5.277 residem na área urbana e 6.491 na área rural. Apesar de uma parcela considerável da população residir na área urbana do município, esses habitantes não perderam o contato com as atividades agrícolas. Muitas dessas famílias são proprietários de pequenas extensões de terra ou mesmo morando na cidade trabalham na roça de terceiros.

FIGURA 2: Vista da cidade de Santa Cruz da Baixa Verde.



Fonte: Blog Santa Cruz em Foco.

Na paisagem rural de Santa Cruz da Baixa Verde se destacam ainda os engenhos e fornalhas, com a produção artesanal de mel, alfenins e rapaduras. Aliás, são as rapaduras o motivo do principal evento do município: o Festival de Rapadura, anualmente realizado no mês de outubro. Tornando o município conhecido como capital da rapadura.

O município tem como principal atividade econômica a agropecuária, sendo a agricultura familiar a maior responsável pela renda da população local. Na agricultura destaca-se o cultivo da cana-de-açúcar, milho e feijão. Na pecuária a criação de bovinos, caprinos, ovinos e suínos tem maior força (IBGE, 2014).

Além da agricultura familiar a renda da população do município de Santa Cruz da Baixa Verde é proveniente do pequeno comércio local, constituído de pequenos mercados, mercearias, lojas de móveis, material de construção, farmácias e bares; dos empregos públicos municipais e estaduais; das aposentadorias, auxílios e programas de transferência de renda do governo federal como a Bolsa Família; e

dos recursos externos provenientes da renda da migração para trabalhar em outros locais.

Quanto à migração de pessoas em busca de melhoria de renda e de vida pode ser destacado no município a migração regional, que tem como principal destino as cidades circunvizinhas, com destaque para Serra Talhada, onde os jovens vão em busca de empregos urbanos e educação. O deslocamento de mulheres geralmente acontece para as cidades mais próximas e estão relacionados à educação, e também ao trabalho como empregadas domésticas. Grande parte da força de trabalho masculina do município vem migrando para o trabalho nos canaviais da região centro-sul do país.

2.3.1 Iniciando o trabalho de campo

Em abril de 2014, fui para a cidade de Santa Cruz da Baixa Verde com o objetivo de estabelecer os primeiros contatos com as lideranças do Sindicato de Trabalhadores Rurais da cidade. A escolha do sindicato como porta de entrada do campo ocorreu pelo fato de que minha orientadora, Rosineide Cordeiro já vinha realizando pesquisas na região desde 2002, o que facilitou os primeiros contatos com as lideranças do sindicato de Santa Cruz da Baixa Verde.

No primeiro momento me apresentei a Dona Arlinda e a Neilda, lideranças do sindicato, e conversei com elas sobre a pesquisa e qual era o público que eu procurava. Ficou acertado então, que eu retornaria no mês seguinte para iniciar o campo com a ajuda de ambas na indicação de homens trabalhadores migrantes que poderiam contribuir com o meu estudo.

Durante a conversa Neilda se prontificou a me acompanhar e me ofereceu estadia na casa dela. Assim ficou acertado que no dia seguinte eu iria ao sítio Baixa das Flores para conhecer o lugar e na semana seguinte voltaria para começar a pesquisa com os homens daquela comunidade.

Assim na primeira quinzena de maio de 2014 iniciei o trabalho de campo de fato. Sai de Serra Talhada em direção a Santa Cruz da Baixa Verde por volta das 15h20min de uma quinta-feira. Peguei uma lotação na avenida que dá acesso a PE-365, que liga Serra Talhada aos municípios de Santa Cruz da Baixa Verde e Triunfo, levamos uma média de meia hora para chegar à praça central de Santa Cruz da Baixa Verde. À medida que seguíamos em direção à saída de Serra Talhada, era

possível ir observando as mudanças na paisagem. O tom acinzentado que predominava na região há meses tinha sido substituído pelo verde das folhagens das chuvas que fizeram ressurgir, deixando a caatinga uma coisa linda de se ver.

A impressão que dá quando se chega a Santa Cruz da Baixa Verde é de um lugar bem pacato. A rodovia que leva a cidade é bem movimentada, uma vez que os carros sobem e descem em direção a Serra Talhada, Triunfo, Santa Cruz da Baixa Verde e as cidades paraibanas que fazem limite com os municípios ali próximos. No entanto a sensação de tranquilidade que se via quando chegávamos a praça da cidade era impressionante. A igreja matriz ao centro, cercada por uma praça bem cuidada e arborizada e os moradores sentados embaixo das sombras das árvores mostravam o sossego do lugar.

Desci da lotação na praça e de lá me dirigi ao Sindicato de Trabalhadores Rurais, caminho que eu tinha aprendido dias antes quando tinha vindo a Santa Cruz combinar com Neilda quando eu iniciaria a busca por trabalhadores que quisessem participar da pesquisa e quais das lideranças se dispunham a me acompanhar pelos sítios.

Fui andando pelas ruas olhando ao redor, com curiosidade e admiração os idosos sentados nas calçadas olhando o movimento da rua, as crianças brincando para lá e para cá, e o comércio pequeno e pouco movimentado com um ou outro cliente. Em uma caminhada de cinco minutos cheguei ao Sindicato, encontrei a porta meio aberta e já fui entrando chamando por Neilda, lá ficamos conversando por um tempo à espera da nossa carona. Algum tempo depois o pai dela chegou de carro para nos buscar.

O caminho para o sítio me surpreendeu, no carro do esposo de Neilda andamos pela rodovia PE – 365 por uns cinco minutos, então seguimos por um acesso lateral, uma estrada de terra batida, com descidas íngremes e em alguns pontos a estrada era aterrada com pedras para melhorar o acesso. Seguimos andando por essa estrada por algum tempo.

Apesar de já ter andado por Santa Cruz da Baixa Verde outras vezes, eu nunca tinha visitado o Sítio Baixa das Flores, a beleza dos contornos das serras misturados ao verde que predominava na região me encantou. Confesso que a única coisa que dificultou minha estadia foi o frio que predominava durante as manhãs e as noites naquele pedaço de serra, era um frio que eu nunca tinha sentido antes.

Durante a minha estadia no sítio Baixa das Flores ainda contei com a ajuda e companhia de Íris, cunhada de Neilda que também é liderança sindical, me acompanhou durante o sábado intenso de caminhada até o Sítio Gavião para fazer algumas entrevistas. Passei o sábado inteiro andando com Íris pelas casas mais próximas do sítio Baixa da Flores e do Sítio Gavião. O dia estava agradável, parcialmente nublado, o que facilitou nossas andanças. Passamos por várias casas, muitas conversas, alguns homens aceitaram ser entrevistados, outros não, mas foi um dia muito produtivo.

Nos dias que se seguiram Neilda foi a responsável por me guiar nas estradas de barro do Sítio Baixa das Flores e nas ruas do comércio de Santa Cruz atrás de gente pra conversar comigo.

Em um segundo momento do campo, especificamente vinte dias após a minha estadia no Sítio Baixa das Flores (junho de 2014), consegui o contato de Alda, que naquela época era funcionária do Centro de Educação Comunitária Rural (CECOR). Alda é moradora do Sítio São Paulo, outra comunidade rural que realizei algumas entrevistas. Ela me hospedou e ajudou a entrar em contato com os trabalhadores durante a minha estada naquela comunidade.

Contei ainda com a ajuda de Sr. Nabé, padrinho dela. Sr. Nabé é uma pessoa muito conhecida na comunidade e se dispôs a me acompanhar durante o dia de sábado, andando nas casas dos conhecidos que já haviam ido para o corte de cana. Entre o percurso de uma casa e outra Sr. Nabé me contava as histórias de Santa Cruz e da Serra da Bernarda, onde está localizado o Sítio São Paulo. No dia seguinte foi a vez de Alda me acompanhar pela Serra da Bernarda atrás de cortadores de cana para entrevistar.

Assim o trabalho de campo foi realizado entre os meses de maio, junho e julho de 2014 na zona rural do município de Santa Cruz da Baixa Verde, especificamente nos sítios Baixa das Flores, Sítio Gavião, Sítio São Paulo.

FIGURA 3: Vista panorâmica do sítio Baixa das Flores, Santa Cruz da Baixa Verde – PE.



Fonte: Pesquisa da autora

Durante o período em que estive fazendo as entrevistas procurei realiza-las nos finais de semana. Isso se justificou porque durante a semana tornava-se difícil encontrar os trabalhadores rurais durante as manhãs e tardes em suas residências. A média de tempo das entrevistas oscilava entre 30 e 50 minutos.

Para este trabalho escolhemos pesquisar os homens cortadores de cana migrantes do município de Santa Cruz da Baixa Verde, por entender que eles estão entre a maior força de trabalho nas usinas canavieiras. Dessa forma nossa pesquisa selecionou homens, cortadores de cana, migrantes, de faixas etárias variadas e que já tivessem migrado mais de uma vez.

Esses homens têm como característica comum serem pequenos produtores ou agricultores familiares que trabalham na terra. A organização do trabalho tem como base o núcleo familiar com uma relação de autonomia relativa com o mercado, seja a tradicional feira para negociar os excedentes de suas plantações ou o mercado de trabalho para comercializar a sua força de trabalho (COVER, 2011).

No quadro a seguir trago dados gerais sobre os participantes fazendo uso de nomes fictícios para preservar a identidade dos informantes.

Tabela 1: Dados gerais dos entrevistados

ENTREVISTADO	DADOS GERAIS	ANO DA PRIMEIRA MIGRAÇÃO	Nº DE MIGRAÇÕES REALIZADAS	LOCAL ONDE OCORREU A ENTREVISTA
Rubens	48 anos, casado, dois filhos, ensino fundamental incompleto	1998	5 vezes	A entrevista foi realizada na casa do entrevistado pela manhã, no momento da entrevista estavam na sala acompanhando a conversa a esposa e a filha do entrevistado.
Gilson	25 anos, casado, sem filhos, ensino médio completo	2007	2 vezes	A entrevista foi realizada na casa da mãe do entrevistado no final da tarde, após sua chegada do trabalho. No momento da entrevista estavam na sala observando a conversa a mãe do entrevistado e a liderança sindical que me acompanhava.
Carlos	44 anos, separado, quatro filhos, ensino fundamental incompleto	2002	3 vezes	A entrevista foi realizada na casa de uma conhecida do entrevistado durante uma manhã de domingo. No momento da entrevista uma das filhas da dona da casa observava a

				conversa.
Caio	44 anos, casado, um filho, ensino fundamental incompleto	2003	4 vezes	A entrevista foi realizada na residência do entrevistado no início da manhã de domingo após ele ter chegado da roça.
Antônio	60 anos, casado, seis filhos, ensino fundamental incompleto	1998	9 vezes	A entrevista foi realizada no final da tarde do domingo da residência do entrevistado. Durante todo o período da entrevista um filho e uma nora do entrevistado observavam a conversa.
Jorge	30 anos, solteiro, sem filhos, ensino médio completo,	2005	9 vezes	A entrevista foi realizada em uma sala cedida na sede do IPA na sede do município, em uma segunda-feira no período da manhã.
Celso	34 anos, casado, sem filhos, ensino fundamental incompleto	2001	4 vezes	A entrevista foi realizada em uma sala cedida na sede do IPA na sede do município, em uma segunda-feira no período da manhã.
	26 anos, casado, sem			A entrevista foi realizada na casa da mãe do entrevistado em um sábado de

Ronaldo	filhos, ensino fundamental incompleto	2009	5 vezes	manhã. No momento da entrevista um amigo de Marcos observava nossa conversa.
Cristiano	37 anos, casado, quatro filhos, ensino fundamental incompleto	1998	12 vezes	A entrevista foi realizada na casa do entrevistado em um sábado de manhã. Dois filhos do entrevistado estavam presentes durante o período da conversa.
Fabiano	30 anos, casado, sem filhos, ensino fundamental completo	2009	3 vezes	A entrevista foi realizada na casa do entrevistado em um sábado à tarde. Durante a entrevista a mãe e a esposa do entrevistado passaram algumas vezes na sala para observar a conversa.
César	25 anos, casado, um filho, ensino fundamental incompleto	2011	3 vezes	A entrevista foi realizada na casa do irmão do entrevistado em um sábado à tarde.
Alberto	35 anos, casado, dois filhos, ensino médio completo	2006	2 vezes	A entrevista foi realizada na casa do entrevistado durante a manhã de um domingo.

Fonte: Pesquisa da autora

2.3.2 Dificuldades Metodológicas

Apesar de durante todo o período que passei na zona rural de Santa Cruz da Baixa Verde eu estivesse acompanhada com uma pessoa moradora dos sítios em que estavam sendo realizadas as entrevistas, percebi que alguns cortadores me recebiam desconfiados, perguntando sempre se era contratada de alguma usina ou sindicato e qual era motivo de eu querer tanto saber sobre a vida deles em São Paulo ou Mato Grosso do Sul.

Ganhar a confiança desses trabalhadores em alguns casos era difícil, em outros a presença da esposa desses homens fazendo um interrogatório foi uma aliada, pois quando estas mulheres entendiam qual era a minha intenção ali convenciam os maridos a conversar com “a moça de fora” sobre os oito meses de trabalho nos canaviais.

No entanto em alguns momentos senti que a presença das esposas e filhos deixava os entrevistados desconfortáveis para tocar em certos assuntos no decorrer da entrevista. Falar sobre os momentos ruins de saudade, angústia e adoecimento não era fácil na presença dos entes queridos. Acredito que muito do que estava sendo revelado nas falas nunca tinha sido dito antes nas conversas que esses homens tinham com suas famílias sobre como realmente é o trabalho no corte da cana.

Percebi ainda, que as entrevistas que fiz sozinha com o trabalhador ou com a presença de uma amiga que também já tinham ido para o corte de cana, era possível notar o entrevistado mais solto e disposto a falar sobre todo o contexto do trabalho, expondo melhor seus sentimentos sobre o trabalho, o período longe de casa, as angústias e os perigos que o trabalho na cana traz.

Após conversar e explicar do que se tratava a pesquisa eis que surgia mais um obstáculo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A leitura do termo não era o que assustava, era a assinatura e número do documento que a desconfiança aparecia no semblante. Então era iniciada mais uma rodada de conversa, explicação e negociação para que os meus prováveis participantes da pesquisa aceitassem assinar o papel.

Em todas as entrevistas foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), constam no termo, os objetivos da pesquisa, o comprometimento com o sigilo das informações que tornem possível a identificação do entrevistado, e a opção voluntária para a participação na pesquisa.

2.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

No decorrer da pesquisa de campo, utilizei um caderno de anotações, para registrar minhas observações, as conversas e comentários das pessoas feitos durante o período em que estive no sertão. Geralmente os lembretes ou trechos de falas eram anotados enquanto aconteciam e as minhas reflexões sobre o que havia ocorrido durante o dia eram acrescentadas quando eu retornava para casa. As gravações das entrevistas eram transferidas para o computador e as fichas que eu utilizava para anotar as informações gerais sobre os narradores eram revistas e guardadas junto com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Dada à natureza do estudo, a amostra de participantes não foi definida anteriormente, e sim construída durante o processo de pesquisa. Assim o dimensionamento do número de entrevistas seguiu critério de saturação, que consiste no conhecimento formado pelo pesquisador, no campo de que conseguiu compreender a lógica interna do grupo ou da coletiva em estudo (MINAYO, 2010). Na construção desse artigo fizemos uso de 12 entrevistas de trabalhadores.

Com o termino do campo demos início a transcrição das entrevistas para facilitar o processo de análise. O uso exclusivo do áudio na etapa de análise tornara-se difícil uma vez que muitos dos entrevistados falavam rápido e em algumas entrevistas o ruído externo dificultava a compreensão do que estava sendo dito.

Após o processo de transcrição das entrevistas, iniciamos a organização e a análise do material. Incialmente foi feita uma leitura geral de todas as entrevistas, a etapa seguinte foi realizada uma nova leitura que objetivava separar as categorias temáticas que emergiam nas narrativas. Em seguida foi feita uma organização e análise do material com base nas categorias encontradas na etapa anterior, e pôr fim a comparação dessas categorias com o referencial teórico utilizados na pesquisa.

Com o intuito de alcançarmos os objetivos aqui propostos tomamos como referência para a análise narrativa temática de Reissman (2008). Essa abordagem

se adequa a vários tipos de dados, podendo ser geradora de vários estudos de caso de indivíduos ou grupos. Assim, considerando que na investigação narrativa o conteúdo falado, escrito ou mostrado é primordial, esse conteúdo será então o foco exclusivo da análise temática.

3 AGRONEGÓCIO CANAVIEIRO: CONTEXTO HISTÓRICO, ORGANIZAÇÃO, MUDANÇAS E O TRABALHO NOS CANAVIAIS

Neste capítulo direcionaremos nosso olhar para o contexto atual do agronegócio canavieiro no Brasil, a fim de entendermos melhor a conjuntura econômica, política e social que vem sendo desenhada pelo setor sucroalcooleiro ao longo das últimas décadas. De início destacaremos o contexto histórico e as principais mudanças do processo produtivo da cana-de-açúcar na região Centro-Sul do país. Depois apresentaremos um panorama geral da produção brasileira com base nos dados disponibilizados pelo DIEESE, ÚNICA, MAPA e CONAB, e por fim mostraremos como é o trabalho desenvolvido nos cortes manual e mecanizado da cana-de-açúcar.

3.1 O CONTEXTO HISTÓRICO E A PRODUÇÃO DO ETANOL BRASILEIRO

A cana-de-açúcar acompanha a história do Brasil desde a colonização portuguesa, desempenhando um importante papel em vários ciclos de desenvolvimento do país ao longo do tempo. O crescimento constante da produção de cana-de-açúcar no país é consequência de uma série de fatores que desencadearam o aumento do incentivo na produção de biocombustíveis.

Um dos fatores de extrema relevância para o favorecimento e desenvolvimento dessa modalidade de agronegócio é a posição geográfica do Brasil no globo terrestre. O amplo espaço geográfico e a diversidade climática do país facilitam a produção em grande escala, o que faz do Brasil um dos maiores produtores comerciais de derivados da cana-de-açúcar do mundo (CONAB, 2008).

Para entendermos o contexto atual do agronegócio canavieiro é importante voltarmos o olhar para o passado, tendo a década de 1970 como ponto de partida. Durante esse período o setor passa por um processo de modernização, caracterizado pela mecanização da etapa de preparação do solo para o plantio da cana. Contudo, o plantio e o corte da cana continuaram a ser realizados de forma manual. Essa mudança no processo de preparo da terra associada ao aumento na capacidade produtiva passou a requerer maiores extensões de terra e,

consequentemente, maior força de trabalho para o plantio e para a colheita da cana-de-açúcar.

Além disso, o aumento no consumo do petróleo, a oscilação dos preços e a disputa pelos territórios onde se encontram as principais jazidas de petróleo foram responsáveis pela primeira crise do petróleo na década de 1970. Com o aumento dos preços do petróleo, a demanda por fontes alternativas de combustíveis que pudessem substituir os combustíveis fósseis cresceu no panorama internacional (POCHMANN, 2009).

Foi diante desse cenário e da dependência brasileira na importação do petróleo que, em meados de 1975, o Governo Federal cria o Programa Nacional do Álcool (PROÁLCOOL). O PROÁLCOOL tinha como objetivo o aumento da produção de cana-de-açúcar, sendo este o responsável pelo aumento da produção nas safras e pela capacidade industrial de fabricação do álcool para substituir o petróleo e derivados, em especial a gasolina (SHIMADA, 2013). O novo investimento de capital no setor e a necessidade de utilizar o parque industrial recém-renovado alavancou o aumento na produção do etanol brasileiro, essas etapas caracterizaram a primeira fase do PROÁLCOOL, no período de 1975 e 1978 (RODRIGUES, 2010).

Em 1979 a segunda fase PROÁLCOOL foi iniciada. Assim como a anterior, foi determinada por outro choque nos preços do petróleo, quando estes cresceram em disparada no mercado internacional. Durante esse período o PROÁLCOOL atingiu seu ápice com os incentivos fiscais englobando desde os produtores de etanol até os consumidores finais (POCHMANN, 2009; RODRIGUES, 2010).

Um fato a ser considerado é que durante a década de 1980, a comunidade científica começa a chamar atenção para as questões relacionadas ao aquecimento global, apresentando evidências que há uma relação direta entre o aumento na temperatura global e a interferência do ser humano no meio ambiente. Apontando a queima de combustíveis fósseis, especialmente o petróleo, como os principais responsáveis pelo aumento na emissão de gases causadores do efeito estufa. Surge, assim, uma demanda de mercado pela produção de biocombustíveis, que chega ao comércio com a função de contribuir na redução da emissão de gases do efeito estufa e como alternativa para o uso do petróleo (SANTOS, 2013; RODRIGUES, 2010).

Assim além da mistura do álcool à gasolina, o governo brasileiro incentivou, com o programa, a fabricação de veículos movidos ao álcool extraído da cana-de-

açúcar, dando maior fomento a agroindústria canavieira. De tal modo, 90% dos carros produzidos no Brasil na década de 1980 eram movidos a álcool (BRASIL, 2005).

A terceira fase do PROÁLCOOL tem como marcador inicial o episódio da falta de álcool hidratado nos postos de combustíveis em 1989 e estende-se até a crise da superprodução de etanol na safra de 1999/2000. Os preços baixos do petróleo no mercado internacional, a continuidade parcial da intervenção governamental na produção e a desestruturação do sistema de apoio ocasionaram o excesso da produção do etanol e, conseqüentemente, a queda dos preços (SANTOS, 2013).

Até meados de 1998, o preço do açúcar e do álcool era determinado pelo Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), porém com a abertura da concorrência interna do mercado, o agronegócio canavieiro ganhou uma nova configuração. Dessa forma as usinas deixaram de garantir a média de lucro estabelecida pela política de preços. Assim, a livre concorrência passou a exigir das usinas novas formas de produção que dessem conta das demandas e que fossem capazes de aumentar as taxas de lucro (ALVES, 2007).

Por fim, a quarta fase iniciou-se com a renovação do PROÁLCOOL em 2000. Através de ações corporativas e articulações dos segmentos econômicos, sociais e políticos, essa fase foi marcada pela liberação dos preços de produtos setoriais, introdução de veículos *flex*, possibilidade de aumento na exportação de etanol e preços elevados de petróleo no mercado mundial (VEIGA FILHO; RAMOS, 2006).

A tecnologia de veículos flexíveis em combustível surgiu na década de 1990 nos Estados Unidos, esses veículos eram capazes de funcionar tanto com gasolina quanto com álcool etílico produzido a partir do milho. Essa nova tecnologia tinha o intuito de reduzir a dependência do uso do petróleo produzido pelos países localizados na região do Golfo Pérsico, que são membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Além disso, funcionava como resposta ao Protocolo de Kyoto, que impõe a redução na emissão de CO² na atmosfera. Assim, o motor desenvolvido poderia ser alimentando tanto por gasolina quanto por etanol, porém quando alimentado por etanol tem uma produção 10% menor de CO², se comparada à gasolina.

No Brasil a tecnologia *flex-fuel* já vinha sendo testada desde a década de 1990, mas sua regulamentação só ocorreu no final de 2002. Dessa forma, no início de 2003, as montadoras de veículos instaladas no país passaram a produzir carros

com essa tecnologia. A partir dessa data, salvo algumas exceções, todas as montadoras aqui instaladas produziram carros *flex*, fazendo o Brasil pioneiro no consumo dos chamados biocombustíveis (PROÁLCOOL, 2008).

Os fatos ocorridos nas últimas décadas levaram o Brasil a se tornar um dos maiores produtores de açúcar e álcool do mundo, dando início a um novo ciclo de expansão do agronegócio canavieiro nacional. Até meados de 1990, o agronegócio canavieiro estava concentrado nos estados de São Paulo, Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Paraná e Minas Gerais, porém por volta de 2005 foi iniciada a implantação de outras unidades produtivas nos estados de Mato Grosso do Sul e Goiás (SANTOS, 2013).

Por volta dos anos 2000, o setor ganha um novo impulso e começa a se consolidar no cenário internacional, tendo como principal fator a necessidade de soluções energéticas para o consumo de combustíveis. Assim, os produtores em conjunto com o governo federal emplacam o etanol como o biocombustível mais viável para essas demandas.

Alguns fatores são apontados por Santos (2013) como responsáveis pela estruturação e redefinição da atual dinâmica de expansão canavieira no Brasil. Entre eles estão:

1. O aumento da comercialização de açúcar e álcool no mercado interno e externo, com a diminuição das barreiras europeias ao açúcar brasileiro;
2. A incapacidade dos Estados Unidos de atender a demanda interna e externa por meio da sua produção de álcool do milho;
3. Os baixos custos na produção do açúcar e do álcool quando comparados aos custos dos mesmos produtos a partir do açúcar de beterraba ou de milho;
4. A crise e elevação do preço do barril de petróleo no mercado internacional;
5. O crescimento da demanda interna do álcool hidratado depois do aparecimento dos carros com a tecnologia *flex-fuel*, que marcou um aumento de 80% nas vendas de automóveis novos;
6. A alta produtividade da cana-de-açúcar na região Centro-Sul do país, que tem como aliada características naturais como suas condições climáticas, topográficas e agrícolas;

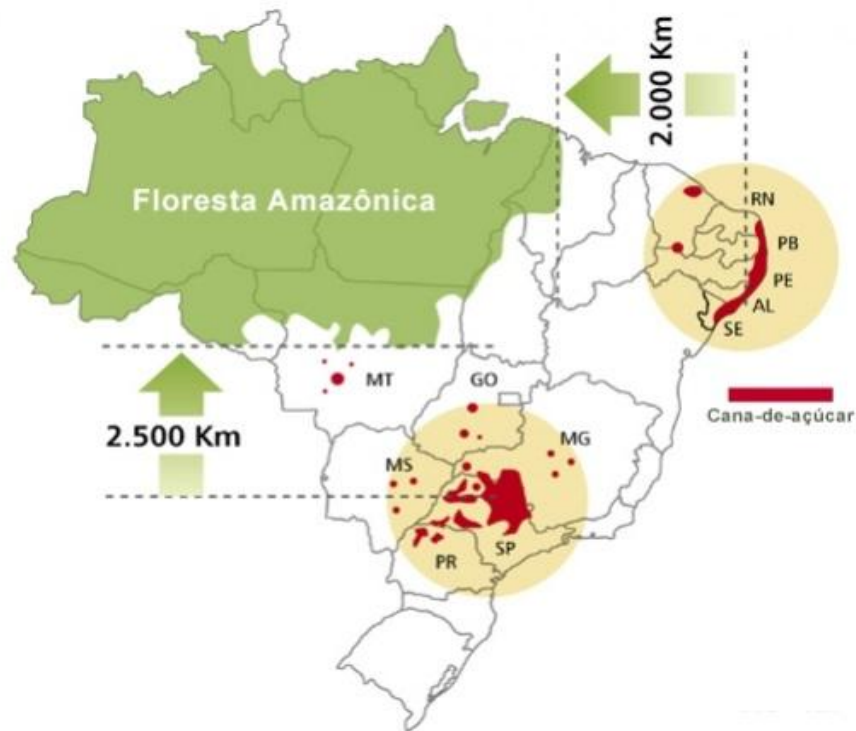
7. As exigências feitas no protocolo de Kyoto para a redução de emissão de gases poluentes responsáveis pelas alterações climáticas provocadas pela emissão do dióxido de carbono.

Como forma de atender a estas demandas internas e externas, o agronegócio canavieiro vem traçando metas e estratégias apoiadas pelo governo para aumentar a oferta de álcool ao mercado internacional. O crescimento da produção a partir de melhoramento genético das espécies de cana-de-açúcar plantadas, a mecanização do plantio e da colheita da cana, a instalação de novas unidades produtivas e o aumento da capacidade das já existentes são algumas das estratégias utilizadas para suprir as novas demandas (SANTOS, 2013).

Com a crise financeira mundial vivenciada a partir de 2008, as empresas do setor canavieiro abriram mais espaço para as fusões com grupos internacionais. Dessa forma, é observada uma reestruturação e fortalecimento da agroindústria canavieira com destaque para a região centro-sul do país. Para entender melhor em termos numéricos esse crescimento do capital estrangeiro no setor, basta observarmos os dados da União dos Produtores de Bioenergia (Udop). No período entre 2000 e 2007 ocorreram 80 fusões na agroindústria canavieira, além das vendas e aquisições de usinas feitas por grupos estrangeiros.

Nos últimos doze anos, o setor tem ganhado força e interesse internacional uma vez que o Brasil, após o governo Lula e Dilma, passou a ser divulgado e defendido como um modelo de desenvolvimento técnico-científico e econômico do setor. Hoje as áreas de intensa expansão da produção canavieira estão localizadas na região oeste do Estado de São Paulo, na região do Triângulo Mineiro e nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (SANTOS, 2013). No mapa abaixo podemos identificar as áreas de produção da cana no Brasil, estas destacadas em vermelho. É possível observar, ainda, a distribuição de áreas produtivas em grande parte do território nacional.

FIGURA 4 : Mapa da produção da cana-de-açúcar no Brasil



Fonte: NIPE-Unicamp, IBGE e CTC

A produção de cana-de-açúcar e derivados vinha crescendo até meados de 2012, de lá para cá, com a escassez de chuvas na região centro-sul do país vem sendo observado o que poderíamos chamar de estagnação da produção. A produção total de cana-de-açúcar moída na safra 2014/15 é estimada em 659,10 milhões de toneladas, praticamente o mesmo volume da safra passada que foi de 658,82 milhões de toneladas (CONAB, 2014).

Ainda de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), a estimativa da produção de açúcar para a safra 2014/15 é de 38,25 milhões de toneladas. Em se tratando do etanol, os números mostram, para o mesmo período, uma estimativa de produção de 27,62 bilhões de litros de etanol. 333,7 milhões de litros a menos que os 27,96 bilhões de litros produzidos na safra 2013/14 (CONAB, 2014).

Alguns dados sobre o agronegócio canavieiro divulgados pelo Instituto de Economia Agrícola nos permitem ver como o setor tem se configurado no que diz respeito à mão de obra empregada no setor. No primeiro semestre de 2013, o setor

tinha um total de 66.401 postos de trabalho formais. Já no primeiro semestre de 2014, o saldo foi menor, com 41.582 postos de trabalho formais.

Nesses números estão inclusos os cargos e ocupações agrícolas e não agrícolas. Interessa-nos aqui, pelos dados das ocupações agrícolas que englobam os cortadores de cana, que esse grupo teve uma queda de 43,5% no total de admissões, o que demonstra que ano após ano esses trabalhadores vêm sendo substituídos por máquinas ou sendo subcontratados por fornecedores das usinas (FREDO, 2014).

Outra informação relevante trazida por esse instituto é que na safra 2012/13, 81,3% da área de cana-de-açúcar destinada ao corte foi colhida de forma mecanizada. Na safra de 2007/08, os postos de trabalho para os cortadores de cana na região de Ribeirão Preto, Araçatuba e São José do Rio Preto era de aproximadamente 210 mil trabalhadores. Atualmente, houve uma diminuição considerável desse número estando somente 70.224 trabalhadores empregados na região. Porém, o processo de mecanização não será totalizado em breve devido aos problemas de declividade dos terrenos, onde o processo de mecanização não tem possibilidade de avanço e a colheita manual ainda se faz presente (FREDO, 2014).

Dentre os contratados para o trabalho nos setores de plantio ou na colheita de cana-de-açúcar são empregados em torno de um milhão de assalariados no Brasil, segundo fontes empresariais publicadas pelo estudo realizado e divulgado pelo Dieese (2007). Entretanto não é possível mensurar o número de trabalhadores envolvidos no trabalho do agronegócio canavieiro, pois em sua maioria os cortadores de cana deslocam-se para o trabalho por conta própria e/ou trabalham de forma clandestina, dificultando a realização de registros e tornando-se invisíveis nas estatísticas trabalhistas (GUANAIS, 2011).

Por trás das estatísticas animadoras e dos números crescentes das frentes de produção do agronegócio canavieiro coexistem condições de trabalho semelhantes às que eram identificadas na monocultura da cana existente no período colonial.

O trabalho degradante, a expansão de grandes extensões de terras e a concentração de renda são algumas dessas situações. Quando estas são associadas aos avanços atuais como o melhoramento genético de espécies de cana-de-açúcar, as exigências de altos índices de produtividade e a capacidade de reaproveitamento da matéria e dos resíduos derivados da cana em todo o processo

produtivo agravam ainda mais as condições de trabalho e a qualidade de vida dos trabalhadores nos dias atuais.

Diante da expansão canavieira, surgem alguns aspectos com relação às condições de trabalho extremamente precárias no corte manual da cana-de-açúcar. O pagamento de acordo com a produtividade, associado ao esforço físico causado pela intensidade do trabalho e a necessidade de atingir metas pré-estabelecidas pelas usinas, são fatores que degradam mais a saúde desses trabalhadores. Outro fator a ser considerado nesse contexto é a ausência do convívio com familiares, amigos e seu modo de vida, uma vez que a maior parte desses trabalhadores é proveniente de outros estados e só retornaram a seus lugares de origem após o término da safra (DOMINGUES; THOMAZ JUNIOR, 2013).

3.2 A MIGRAÇÃO DE TRABALHADORES

A migração sazonal de trabalhadores para áreas produtoras de cana-de-açúcar na zona da mata e litoral do Nordeste já era observada entre os camponeses do Agreste e Sertão de vários estados. Esse fluxo migratório começa a ganhar novos rumos na década de 1970 quando as usinas, principalmente as do estado de São Paulo, iniciavam uma nova expansão.

Em meados de 1980, a economia brasileira passava por um período de crescimento acentuado, refletido no aumento da capacidade de produção da cana-de-açúcar, observada principalmente no estado de São Paulo. Assim, o crescimento relacionado às novas tecnologias empregadas no setor passou a atrair trabalhadores de outras regiões para o trabalho na safra (ALVES, 2006; SILVA, 2006).

Durante a crise dos anos 1990, muitas indústrias canavieiras do Nordeste foram atingidas, desencadeando o fechamento de vários postos de trabalho. As empresas remanescentes não foram suficientes para absorver a mão de obra ofertada, dessa forma, boa parte do fluxo migratório da região foi redirecionado para os estados do Centro-Sul. Como consequência da mudança territorial das usinas houve também modificações na dinâmica do trabalho. (OLIVEIRA, 2007).

Toda essa reestruturação do setor sulcroalcooleiro do interior paulista favoreceu o redirecionamento das migrações, sobretudo com sentido Nordeste-Sudeste ganhando força, visibilidade e importância. O aumento dessas migrações

tinha uma característica particular, a volta desses sujeitos para seus locais de origem, sendo assim chamadas de migrações múltiplas ou migrações de retorno, na qual os trabalhadores deslocam-se repetidas vezes de uma região para outra a fim de encontrar uma forma de subsistência (ALESSI; NAVARRO, 1997).

As mudanças na configuração das migrações têm como principal característica o adensamento nas migrações sazonais de homens de alguns estados nordestinos, que agora passam a migrar anualmente para as regiões produtoras de cana-de-açúcar, no Estado de São Paulo (MENEZES, SILVA, 2007).

Menezes e Silva (2007) chamam atenção ainda para o fato de que tal deslocamento está relacionado, por um lado à reestruturação do setor sucroalcooleiro que passa a demandar um maior número de trabalhadores, sobretudo no período da colheita, seja dos cítricos, seja da cana-de-açúcar, e por outro lado à crise do mercado de trabalho urbano. Em suas palavras:

Devido a reestruturação do setor sucroalcooleiro no interior paulista as correntes migratórias nordestinas foram redirecionadas para essa região. Assim, além da clássica migração para as regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e das migrações sazonais do agreste, sertão dos estados da Paraíba, Alagoas e Pernambuco para as usinas da Zona da Mata da Paraíba e Pernambuco, essas migrações sazonais para a região canavieira de São Paulo começaram a ter visibilidade e a ganhar importância desde meados da década de 1990 (MENEZES; SILVA, 2007 p.237).

Para Menezes (2004), essa forma de migração não é apenas uma transferência da força de trabalho de regiões menos desenvolvidas para as mais desenvolvidas, ou simplesmente um movimento entre os setores atrasados e contemporâneos. Essas populações em trânsito não se veem como vítimas, mas sim como trabalhadores, agricultores, serventes de pedreiros ou qualquer tipo de ocupação ou profissão que seja suficiente para a garantia da sobrevivência própria e de suas famílias. Para eles, a migração não seria uma obrigação, mas uma alternativa para uma melhoria de condições de vida.

Porém, esse processo migratório envolve mais do que a saída desses homens de seus locais de origem em busca de recursos para uma melhoria de vida. Esse deslocamento para o trabalho nos canaviais implica na inserção desses homens em um processo de trabalho penoso, perigoso e insalubre (SILVA; MENEZES, 2010; ALESSI; SCOPINHO, 1994).

Outra possível explicação que pode justificar a ocorrência dessa migração foi dada por Silva e Menezes (2006). Para eles, a migração como processo social pode assegurar as necessidades básicas de sobrevivência, em se tratando da busca por emprego e melhor remuneração, além de possibilitar também a concretização dos projetos de vida e a ascensão social.

No entanto, para Novaes e Alves (2007), o fenômeno migratório pode ser associado também à expulsão de trabalhadores do campo, que não têm garantia de acesso à terra em seus locais de origem, ou até mesmo às dificuldades enfrentadas pelos pequenos agricultores familiares quanto a entrada dos seus produtos no mercado. Uma vez que esses pequenos produtores rurais, em alguns casos, não são favorecidos pelas políticas públicas de desenvolvimento econômico em seus locais de origem. Diante dessa situação se veem obrigados a deslocar-se para outros lugares em busca da garantia da sobrevivência.

O deslocamento de trabalhadores não deve ser visto como uma forma de fugir das áreas rurais, uma vez que a maior parte desses homens retorna ao final de cada safra. A instabilidade climática (longos períodos de estiagem) que pode ocasionar a perda das lavouras ou a diminuição da produção acarretam um comprometimento da renda, tornando necessária a busca por outras soluções de subsistência. Assim, a migração para o corte da cana é encarada como alternativa para atender as necessidades emergentes.

A literatura vem identificando um perfil desses migrantes. Novaes (2007) mostra que esses trabalhadores são em sua maioria homens jovens, oriundos da agricultura familiar do nordeste brasileiro, bem vistos pelos empreiteiros e chefes de turmas que buscam um trabalhador ágil, útil e comportado, característica encontrada nesses migrantes. A preferência por homens jovens pode ser justificada na longevidade e disposição para o trabalho, tendo os jovens mais energia e maiores chances de alcançar os altos níveis de produtividade exigidos pelas usinas.

A inserção nos contextos migratórios pode ter origens distintas. Em alguns casos o convite para trabalhar na colheita da cana se dá de maneira espontânea, através de conversas com amigos e familiares (MAGALHÃES; COVER, 2012). Mas o fato de se dispor a trabalhar no corte da cana não é garantia de conquistar uma vaga. A contratação para o trabalho na safra pressupõe a passagem por um processo de seleção.

Em muitas cidades do interior do Nordeste o recrutamento de futuros cortadores de cana acontece principalmente no mês de janeiro. Esses homens são abordados em seus locais de origem, geralmente cidades interioranas, que tem como principal fonte de renda os empregos públicos, o comércio (gêneros alimentícios, materiais de construção, vestuário), lazer (bares e lanchonetes), os programas de transferência de renda como a bolsa família, além dos benefícios previdenciários como pensões e aposentadorias. De acordo com Silva (2011), a maior parte dos migrantes é oriunda das áreas rurais desses municípios, do sexo masculino, com baixa escolaridade e que trabalham na agricultura familiar.

A seleção de pessoal é iniciada através dos arregimentadores, também conhecidos como “turmeiros” ou “gatos”. Os turmeiros são os responsáveis pela pré-seleção dos trabalhadores, sua função é localizar os candidatos à vaga de emprego. A pré-seleção consiste em obter informações sobre os candidatos, levando em consideração o comportamento em safras anteriores ou mesmo a média de cana cortada. Outra função exercida pelos gatos, a partir do momento de formação da turma, é a de responsabilidade pelo pessoal selecionado para o trabalho, é atribuída a estes sujeitos a tarefa de intermediar os conflitos entre os trabalhadores e as empresas.

Durante o período da safra, os arregimentadores dão preferência por trabalhadores com experiência e que não tiveram nenhum tipo de problemas de comportamento na colheita do ano anterior, como aponta Silva (2006). Na segunda fase de seleção, o critério principal é a higidez suficiente para o desempenho do trabalho árduo na lavoura. O agente da seleção é o médico do trabalho que, em última instância, exclui aqueles trabalhadores que apresentam possibilidade de desenvolver patologias impeditivas da realização do trabalho em questão (SCOPINHO, 2000).

Nessa etapa de seleção, a procura pelos trabalhadores mais saudáveis é executada por meio de exames admissionais, excluindo assim os doentes nas etapas seguintes. Essa prática médica nem sempre objetiva prevenir, conhecer, tratar ou reabilitar as possíveis patologias que os trabalhadores tenham ou possam vir a adquirir, e sim excluir os doentes e susceptíveis do mundo do trabalho.

Scopinho (2000, p.98) reforça a ideia de Silva quanto à seleção de trabalhadores quando ela afirma que “o processo produtivo da cana, do açúcar e do álcool passou a exigir um tipo de trabalhador, cuja característica principal do perfil é

ser, de um lado, tecnicamente experiente, qualificado e polivalente e, de outro, pessoalmente comprometido com os objetivos empresariais de produzir com qualidade e baixo custo”.

Nas cidades de destino esses trabalhadores residem em casas, chamadas por eles de “barracos” e alojamentos. Os alojamentos têm seu espaço físico dividido em dormitórios, banheiros e chuveiros, áreas de convivência, refeitório e lavanderia. Em muitos casos residem nestes prédios uma média de duzentos a trezentos trabalhadores de uma mesma usina.

As casas (barracos) constituem o principal tipo de moradia desses trabalhadores. São situadas nas periferias das pequenas cidades de destino e, geralmente, dispondo de poucos cômodos, na maioria dos casos, cozinha, banheiro, quarto com beliches, uma pequena sala, e uma lavanderia na área externa. Em média abrigam de oito a dez homens.

A cultura da cana gera inúmeros postos de trabalho, dos quais a maior parte está nas operações de colheita, incluindo um grande quantitativo de trabalhadores migrantes, empregados, principalmente nessa atividade. Apesar dos avanços da mecanização da colheita da cana mais da metade da produção ainda é colhida manualmente. Tendo uma parcela expressiva da mão-de-obra empregada na safra da cultura canavieira vinda de outros estados e regiões do país, especialmente da Região Nordeste (SIBIEN, 2010).

3.3 O TRABALHO NOS CANAVIAIS: AS MODALIDADES DE COLHEITA DA CANA-DE-AÇÚCAR

Nesse tópico daremos ênfase às duas modalidades de colheita da cana-de-açúcar, o corte mecanizado e o corte manual. Na colheita mecanizada o destaque é dado às colheitadeiras mecânicas, capazes de cortar a cana crua em menos tempo, substituindo milhares de trabalhadores. O corte manual é realizado por homens e mulheres, tendo como principal instrumento a força física do trabalhador que passa em média oito meses cortando cana crua ou queimada.

3.3.1 O corte mecanizado

A mecanização do corte da cana-de-açúcar vem se intensificando desde a década de 1980. Esse período foi marcado pelas intensas reivindicações em busca da conquista dos direitos trabalhistas e, ainda, pela criação da lei em defesa do meio ambiente que estabeleceu o fim da queima da cana crua utilizada para a realização do corte manual da cana queimada até o ano de 2034 (ROCHA, 2007; GUANAIS 2011; NOVAES, 2007).

Iniciada em 1960, a queima da palha da cana-de-açúcar foi implementada com o intuito de aumentar a média de cana cortada pelos trabalhadores. A mecanização das lavouras de cana teve início com a inclusão de tratores, caminhões e máquinas agrícolas nas etapas de preparo do solo, adubação, abertura e fechamento de valas e transporte de mudas. Com o desenvolvimento de novos maquinários as etapas de carregamento e transporte da cana cortada passam a ser feitos por guinchos e carregadeiras e por caminhões, também conhecidos como treminhões. Os guinchos ou carregadeiras conseguem operar em qualquer tipo de solo. Já os treminhões têm capacidade de transportar 60 toneladas de cana por viagem (IAMAMOTO, 2008).

No entanto, a intensificação do processo de modernização dos canaviais brasileiros não foi apenas como um meio de caminhar lado a lado com os avanços desenvolvidos pela indústria de insumos agrícolas. De acordo com Lourenço (2012), a forma acelerada como a colheita mecanizada vem ocorrendo, surge como resposta a cobranças de ambientalistas para o cessar das queimadas nos canaviais, assim como em resposta as denúncias e mobilizações sociais a respeito das mortes de trabalhadores decorrentes da exaustão no corte da cana.

Como forma de solucionar os constantes conflitos, os empresários do setor assinaram, juntamente com o Governo Federal, protocolos que visam à redução das queimadas da cana. Utilizando-se dos discursos ambientais e dos avanços no maquinário agrícola foi observada uma intensificação no uso das colheitadeiras mecânicas (SIBIEN, 2010).

A preferência pelo uso de máquinas na colheita aumenta o interesse dos produtores rurais pelo alto desempenho do maquinário. O que reforça ainda mais a necessidade de substituição do trabalho braçal pelo mecânico, pois as máquinas mesmo tendo altos custos de manutenção atingem quantitativos de cana cortada em menor tempo, com menores custos e maiores lucros quando comparadas a colheita manual (DOMINGUES; THOMAZ JUNIOR, 2013).

A mecanização vem se intensificando com o passar dos anos, podendo ser considerada responsável pelos altos índices de produtividade exigidos na colheita manual da cana. O total de 180.000 toneladas de cana cortadas por dia que é realizado por uma média de 80 a 100 trabalhadores é atingido pelas colheitadeiras mecânicas em um período de três turnos com apenas três trabalhadores por dia para manuseá-las.

As colheitadeiras mecânicas, que são capazes de cortar os pedaços de cana em pedaços que variam entre 20 cm e 60 cm, fazem o trabalho que corresponderia ao de 150 pessoas. Além disso, as colheitadeiras têm outra função que favorece sua utilização em relação ao corte manual. Com o uso delas não é necessária a utilização das carregadeiras, pois o mecanismo desenvolvido nas colheitadeiras permite que os talhões de cana cortados sejam despejados diretamente em um caminhão com carroceria.

A colheita mecanizada é feita com a cana crua (na palha), onde as máquinas são controladas por trabalhadores com um perfil diferente daqueles que são empregados no corte manual. A escolaridade e o grau de especialização desses homens são um dos diferenciais exigidos pelas usinas. Entre as diferentes especialidades e funções exercidas estão motoristas, tratoristas e operadores de máquinas (NOVAES, 2007).

No exercício do trabalho da colheita mecanizada da cana, os operadores de máquinas precisam saber mais do que dirigir. Há exigências que esses trabalhadores tenham conhecimento sobre mecânica e sobre o manuseio ideal das colhedoras (DOMINGUES; THOMAZ JUNIOR, 2013). Ainda sobre o trabalho o uso das colheitadeiras, Rocha (2007) afirma que os operadores dessas máquinas têm de enfrentar longas jornadas de trabalho com poucas pausas e ainda manter a atenção redobrada, uma vez que tem de estar atentos ao percurso e aos caminhões onde é depositada a cana cortada. Essa atenção incessante e a repetição de movimentos durante o período de trabalho expõem esses trabalhadores a riscos ocupacionais.

A efetividade e a garantia de lucros, proporcionada pela mecanização parcial da colheita da cana-de-açúcar, deixa de saldo para os trabalhadores do corte manual da cana o aumento de exigências em efetividade e produtividade no trabalho. O que leva à precarização das condições de trabalho e uma exploração cada vez maior desses trabalhadores (DOMINGUES; THOMAZ JUNIOR, 2013).

3.3.2 O corte manual

O processo de trabalho no qual o trabalhador-migrante está submetido tem início ao despertar, quando ele é responsável por preparar as refeições que fará durante o dia, vestir-se, organizar seus instrumentos de trabalho e dirigir-se até o ponto onde o ônibus da usina a busca para levar à lavoura. Mesmo acordando durante a madrugada para realizar todas essas tarefas e se deslocar para os canaviais, esses homens só darão início ao corte da cana após as sete da manhã (SILVA, 2011).

Quando é dada a autorização para o início do trabalho na lavoura os trabalhadores são instruídos a cortar no mínimo 12 toneladas de cana por dia. Os fiscais das usinas pré-estabelecem um retângulo com seis metros de largura, divididos em 5 ruas (linhas em que são plantadas a cana), esse retângulo é denominado pelos trabalhadores de “eito”. A partir disso, é possível medir o que o trabalhador produz por dia de duas formas diferentes 1) através do comprimento do eito ou 2) pela quantidade de cana cortada (ALVES, 2006)

Ao cortar a cana-de-açúcar, o trabalhador abraça o feixe de cana, que tem uma média de cinco a dez canas, curvam-se, flexionam as pernas e golpeiam com o facão a base da cana e, logo em seguida, cortam no ar as folhas da cana. Após isso, os feixes de cana são carregados e amontoados na fileira central com uma distância média de um metro entre um monte e outro (ALVES, 2006).

Alves (2006) ainda especifica as atividades desenvolvidas pelo trabalhador ao longo do dia, assim:

Um cortador de cana que corta 12 toneladas/dia caminha 8.800 metros, despende 133.332 golpes de podão, carrega 12 toneladas de cana em montes de 15 kg, em média, portanto faz 800 trajetos e 800 flexões levando 15 kg nos braços por uma distância de 1,5 a 3 metros, faz aproximadamente 36.630 flexões e entorses torácicas para golpear a cana, perde, em média, 8 litros de água por dia, por realizar toda esta atividade sob sol forte do interior de São Paulo, sob os efeitos da poeira, da fuligem expelida pela cana queimada, trajando uma indumentária que o protege da cana, mas aumenta sua temperatura corporal (Alves, 2006, p.96).

Entretanto, ao analisar o dia de um cortador de cana, Santos e Souza (2012) asseguram que os números mencionados anteriormente podem ser maiores, uma vez que as usinas têm privilegiado a contratação de trabalhadores que superem a

meta de cortar 10 toneladas de cana por dia, o que pode elevar ainda mais essa mensuração feita no estudo de Alves.

Apesar de a força física ser um fator considerado no processo de seleção para a contratação, nem sempre o trabalhador de maior massa muscular será o que apresentará o melhor desempenho no quesito produtividade. A resistência física do trabalhador será o diferencial no desenvolvimento da atividade repetida exaustivamente, realizada a céu aberto, sob condições climáticas difíceis, além da exposição à poeira, fuligem e fumaça, em uma jornada de trabalho que varia entre 8 e 12 horas diárias, seis dias por semana (ALVES, 2006).

Para desenvolver as atividades no corte da cana os trabalhadores são instruídos a usar Equipamentos de Proteção Individual (EPI's). A indumentária utilizada é composta por chapéu ou boné, óculos, lenços cobrindo o pescoço e o rosto, camisa de manga comprida com mangote, calças compridas, botina com biqueira de aço, caneleiras até o joelho e luvas de raspa de couro (ROCHA, 2011; ALVES, 2006).

Durante a execução do trabalho os cortadores de cana estão expostos a altas temperaturas, chuva, poeira, fuligem proveniente da queima da cana, animais peçonhentos (que podem ser encontrados no meio dos canaviais), acidentes de trabalho, como cortes, quedas, e à realização de intensos movimentos corporais que favorecem a adoção de posturas inadequadas. Esse leque de riscos pode ser agravado devido ao uso das várias camadas de roupas que cobrem o corpo, ou até mesmo pela má qualidade dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI) disponibilizados pelas usinas para a execução do trabalho (ALESSI; SCOPINHO, 1994).

Diante do esforço físico despendido e das situações as quais estão expostos diariamente, o trabalho no corte manual da cana sujeita esses indivíduos a riscos a saúde física e mental. Estes fatores de riscos são provenientes das condições encontradas no ambiente de trabalho e das condições de moradia, que podem provocar adoecimentos ou até mesmo a morte desses trabalhadores (ROCHA, 2007).

Ao analisar a dieta dos trabalhadores, Rocha (2007) afirma que é mínima a quantidade de ingestão de carnes e vegetais por esses trabalhadores e que podem acarretar um déficit nutricional de vitaminas, sais minerais e proteínas, componentes essenciais para as atividades metabólicas do corpo humano.

A deficiência de nutrientes e sais minerais pode ocasionar ainda o comprometimento do sistema musculoesquelético, o que pode predispor o sujeito a estresse e fadiga osteomuscular, além da ocorrência de dores localizadas ou até mesmo lesões musculares ou articulares (ROCHA, 2007).

Outras patologias que podem ser desenvolvidas no trabalho nos canaviais são as Lesões por Esforço Repetitivo (LER), dores na coluna, tendinites, bursites, dores torácicas, oscilações na pressão arterial e problemas cardíacos. Essas doenças podem ser causadas pela intensificação do ritmo de trabalho, exigindo do trabalhador maior esforço físico e fazendo-o, na grande maioria das vezes, desrespeitar os limites do seu corpo em busca de maior produtividade (ROCHA, 2007; SILVA, 2011).

Macedo (2008) e Ribeiro (2008) destacam que a queima da cana-de-açúcar, realizada para dar melhores condições no corte manual e, conseqüentemente, o aumento da produtividade, é a geradora de riscos para o desenvolvimento de problemas respiratórios nos trabalhadores, em decorrência da inalação da fuligem e poeira. Esse processo pode desencadear desde gripes, asma, bronquite crônica, pneumonia química, ou chegar até mesmo a um quadro de bissinose em históricos prolongados de exposição ocupacional, devido ao depósito de partículas da fibra vegetal carbonizada nas cavidades pulmonares.

Um fato que vem chamando atenção quanto ao corte manual da cana é que as grandes empresas do agronegócio canavieiro vêm terceirizando o corte, carregamento e transporte da cana para áreas distantes administradas por fornecedores. Dessa forma, a terceirização do trabalho tende a ocasionar uma maior precarização do trabalho e menor remuneração quando comparadas àquelas pagas pelas usinas (DIEESE, 2007).

3.4 O SISTEMA DE REMUNERAÇÃO DO TRABALHADOR

O sistema de pagamento por produção vem sendo utilizado por várias usinas desde meados da década de 1970. O pagamento por produção pode ser visto como uma modalidade do salário por peça, no qual a produtividade do trabalhador interfere diretamente no salário final. O predomínio da utilização desse sistema de remuneração consiste numa estratégia das usinas canavieiras para conseguir aumentar a quantidade de cana cortada pelos trabalhadores. (GUANAIS, 2010).

O salário por peça mede diretamente o trabalho empregado pelo trabalhador de acordo com a quantidade de produtos que ele produziu em um determinado espaço temporal. Assim, torna-se natural o empenho do trabalhador em empregar sua força de trabalho de forma mais intensa, ocasionando o interesse em prolongar sua jornada de trabalho, com o intuito de obter um aumento salarial diário ou semanal. Essa forma de remuneração é utilizada como aparelho de medida para a efetuação de descontos salariais, uma vez que a qualidade do trabalho passa a ser medida de acordo com o resultado final do produto, em que a exigência pela qualidade média é fator condicionante para que a remuneração seja completa (MARX, 1980).

A ideia de que o pagamento por produção pode ser considerado uma modalidade de salário por peça é apresentada nos textos de Silva (1999), Alves (2006) e Guanais (2010). Porém, algumas diferenças podem ser encontradas, uma vez que os trabalhadores analisados por Marx tinham como estimar o seu salário ao final do dia de trabalho. De acordo com Alves (2006), isso não acontece com os cortadores de cana, pois estes ao final do dia só têm conhecimento da ‘metragem de cana cortada’. Eles não sabem qual é o valor diário fixado para o metro da cana pelo fato dos preços variarem, por exemplo, de acordo com o tipo de cana que está sendo cortada.

Na cana, o preço pago pela quantidade de cana cortada só é conhecido pelos trabalhadores depois que o trabalho é executado. Em geral, os trabalhadores só sabem quanto ganharam num determinado dia quando recebem o *hollerit* do mês, ou da quinzena, ou da semana, e neste vem descrito à quantidade de metros cortados e o valor do metro cortado naquele dia. O pagamento por produção efetuado na cana foi cientificamente desenvolvido para que o trabalhador não saiba previamente quanto produziu e não possa controlar o seu pagamento e o seu processo de trabalho (ALVES, 2008, p. 36).

Outro fator atrelado a esse sistema de pagamento adotado pelo setor sulcroalcooleiro é a seleção de trabalhadores jovens e saudáveis, que consequentemente irão atingir os maiores índices de produtividade durante a safra. Essa combinação de fatores irá direcionar as próximas seleções de trabalhadores, serão contratados apenas os que mantiveram durante a safra uma média de produtividade satisfatória para a usina (SCOPINHO, 2000; SILVA, 2011; GUANAIS, 2010).

Esse modelo de acumulação de capital adotado pelo agronegócio canavieiro dificulta a luta dos trabalhadores por melhores condições nas relações de trabalho, uma vez que esses sujeitos contam apenas com a remuneração do corte da cana para se sustentarem e suprir as necessidades de suas famílias que se encontram nos seus locais de origem. Com isso se veem impossibilitados de realizar um confronto direto com seus empregadores (DOMINGUES; THOMAZ JUNIOR, 2013).

4 RISCO, SAÚDE E ADOECIMENTO

Neste capítulo traremos dois eixos de discussão para tratar do debate sobre risco, saúde e adoecimento: o primeiro abordará uma descrição breve sobre o surgimento do termo risco e as diferentes abordagens teóricas sobre a noção de risco. Destacaremos ainda as discussões teóricas de Beck (2011 [1944]) e Spink (2001) sobre sociedade de risco com enfoque nos elementos principais da Modernidade Reflexiva. O segundo eixo traremos uma visão epistemológica sobre o conceito de saúde através das discussões feitas por Canguilhem (1978, 2014) e Coelho e Almeida Filho (2003).

4.1 RISCOS

Atualmente a palavra risco pode ser interpretada de várias formas, mas é associada principalmente como sinônimo de perigo, quando relacionado à exposição a fatores que podem causar danos. A interpretação dada a esse termo pode ser também no sentido de abertura de novos caminhos, possibilidades. A popularidade do uso da palavra risco é observada hoje principalmente nas discussões relacionadas nas áreas de economia e saúde.

A origem da palavra risco é desconhecida, porém a linguística aponta que ela pode ser possivelmente originária do árabe pois, existe a sua presença em textos que datam do período medieval (LHUMANN, 1996). Castiel (1999), apesar de concordar com a não exatidão da origem do termo, afirma que ela pode ser proveniente tanto do baixo-latim, provavelmente do verbo *researe* (cortar); ou do espanhol *risco*, penhasco. Ou até mesmo da ideia de perigo.

Foi somente na era moderna que risco começou a aparecer como palavra e conceito. Antes disso as situações de perigo, relacionadas na maioria das vezes a condições ambientais e climáticas, eram atribuídas às divindades (LHUMANN, 1996).

De acordo com Spink (2004) mesmo a humanidade tendo passado por muitos mais diversos perigos (catástrofes naturais ou de estilos de vida) esses acontecimentos não eram entendidos como risco e sim associados à ideia de perigo

ou fatalidade. Assim, para essa autora, a palavra risco surge para se referir a ocorrência de eventos futuros, em um momento que o futuro é entendido como algo que pode ser controlado. Somente na pré-modernidade foi observado o surgimento da palavra risco, que viria a se tornar um conceito fundamental na modernidade clássica.

Porém, no século XIX a noção do conceito de risco passa por uma ampliação, associando as fontes de perigo ao comportamento humano. Esse novo conceito de risco proporcionou um outro modo de enxergar o mundo e suas desordens (LUPTON,1999).

Segundo Spink (2001) a primeira fase da gestão dos riscos ocorreu no século XIX com o sanitarismo. Nesse período o termo risco ganha novos significados, traduzindo-se em medidas de controle das populações, regulados por uma legislação específica. De acordo com Ayres (1997), no final do século XIX, o conceito de risco assume um tom descritivo, fazendo dos métodos matemáticos seu instrumento. Num segundo momento, esse conceito de risco passa a ser relacionado a biomedicina deixando de ser entendido apenas como uma condição populacional e passa a assumir o sentido de suscetibilidade individual. Porém a consolidação do caráter individual do risco só passa a ter destaque após a II Guerra Mundial.

Foi no século XX que houve formalização do conceito e do aperfeiçoamento das técnicas de dos cálculos de risco. A partir dessa nova visão de risco é que as ferramentas técnicas utilizadas nos cálculos de risco foram desenvolvidas, com a finalidade de estabelecer a ocorrência de eventos e a mensuração de perdas e ganhos.

Durante o século XX as mudanças no sentido do termo risco continuaram a ocorrer, assim o sentido de perigo e dano foi sendo relacionado cada vez mais com a palavra risco. Mas para Spink (2001) novos sentidos vêm sendo atribuídos a palavra risco, muitos deles modificando a forma negativa relacionada ao significado do risco. Castiel (1999) reforça a afirmação de Spink (2001) quando ele afirma que a polissemia do termo risco dá margem para ambiguidades, pelo fato da palavra ser associada tanto a um sentido negativo de ameaça ou perigo, quanto pela associação do termo ao sentido de ousadia e descobertas.

Seguindo a mesma linha de pensamento dos autores acima citados Cardona (2004) faz uma reflexão sobre os sentidos atribuídos ao risco e como eles estão sendo incorporados no cotidiano da população em geral e nos diferentes campos disciplinares. Esses novos sentidos e significados possuem variações que vão desde significados negativos, associados a ameaças ou perigo, até a novos sentidos quando o termo risco é utilizado no contexto de esportes, relacionamentos, investimentos econômicos, emprego e lazer.

É a partir dessa diversidade de sentidos quanto à formação histórica do conceito de risco que Spink (2001) afirma termos três dimensões presentes nessa construção. Sendo elas a) uma forma de se relacionar com o futuro; b) uma forma de conceituar o risco; c) uma forma de gerir os riscos.

Enquanto *forma de se relacionar com o futuro* a palavra risco teve seu surgimento na pré-modernidade, compartilhando o mesmo período da origem dos Estados-nação. Foi nesse contexto que emerge a necessidade de denotar a ocorrência de eventos futuros que possibilitassem o controle.

O uso das ferramentas de cálculo da probabilidade propiciou a formalização do *conceito de risco*, o que levaria ao estabelecimento do campo de saber denominado gestão de riscos. O gerenciamento dos riscos se apoia na análise dos riscos, que considera os cálculos estatísticos e a percepção dos indivíduos sobre as situações de risco (SPINK, 2001).

Spink (2008) nos mostra que com a possibilidade de gerenciamento dos riscos, foram aparecendo outros modos de falar sobre os riscos da vida cotidiana, que foi chamado por ela de linguagem dos riscos. Assim para a autora os discursos sobre risco delimitam territórios linguísticos que são os responsáveis pelas formas específicas de falar sobre os riscos.

No entanto, quando se refere à linguagem dos riscos não é intenção da autora afirmar que só há uma linguagem. A sugestão dela vai além, uma vez que nesse contexto se desenham formas específicas de falar sobre riscos e que elas estão associadas a três tradições discursivas distintas: a fala do senso comum sobre perigos, a perspectiva do controle e disciplina e a perspectiva da aventura.

A linguagem dos riscos é entendida no espaço desse trabalho como uma linguagem social construída na modernidade com repertórios que a circulam socialmente porém, ela possui especificações em diversos campos do saber, como o da saúde e seus saberes médicos, especificamente nas áreas de epidemiologia,

segurança do trabalho, biomedicina e toxicologia. Desse modo, a linguagem dos riscos passa a incorporar contextos específicos nas práticas discursivas de pessoas em lugares distintos, que podem produzir ou reproduzir esses repertórios e/ou criar novos jeitos de se referir aos riscos (CARDONA, 2004).

4.1.1 O risco e as diferentes abordagens teóricas

Para uma melhor compreensão sobre a linguagem dos riscos é preciso considerar que existem várias perspectivas teóricas que abordam o fenômeno do risco. De acordo com Lupton (1999) o risco é abordado a partir de duas perspectivas: a realista (técnico-científica) e a construcionista social (que leva em consideração os aspectos sociais e culturais do risco).

Sob a perspectiva realista o risco é considerado como proveniente do meio externo no entanto é passível de controle por meio da estatística que pode fazer uma projeção considerando acontecimentos passados com o intuito de prevenir situações futuras semelhantes. Dentro dessa perspectiva o papel do especialista é de fundamental importância na identificação dos riscos, uma vez que através do conhecimento prévio sobre os indivíduos é possível criar protocolos padrões de prevenção que levarão a adoção de práticas seguras. Nesse contexto, a educação em saúde adota essa postura através de informações técnicas que visam promover a segurança quer seja no âmbito familiar, do trabalho ou nas relações sociais (CARDONA, 2004).

Já a perspectiva construcionista foca na produção discursiva que ampara as noções e os sentidos atribuídos ao risco. Por essa visão a noção de risco não é considerada como uma realidade objetiva com possibilidade de ser controlada mas, sim como uma realidade que pode ser construída socialmente através da linguagem (CARDONA, 2004; BELTRÃO, 2012).

Na tradição construcionista podemos identificar três grupos que abordam o risco de formas diferentes (LUPTON, 1999; SPINK et al., 2002). O primeiro grupo tem um enfoque nas abordagens da percepção dos riscos. A partir das décadas de 1970 e 1980 surgiram os estudos sobre percepção dos riscos, aonde a subjetividade do sujeito tem um papel fundamental na construção do que deve ou não ser entendido como situação de risco. Dessa forma, o risco será considerado a partir da

posição em que a pessoa ocupa, sendo a experiência anterior um fator determinante para a construção do sentido do risco.

De acordo com Castiel (1999), a noção de risco é incorporada a partir de posicionamentos sociais que as pessoas ocupam e elas terão o papel de julgar e estruturar o que deve ser ou não entendido como situação de risco. Assim podemos entender que “as percepções de risco são distintas conforme aspectos socioculturais que incluem idade, gênero, renda, grupo social, ocupação, interesses, valores, consequências pessoais etc” (CASTIEL, 1999, p. 48).

No segundo grupo, estão presentes as tradições que buscam entender e amparar o sentido dado ao risco, com foco especial na função que o risco tem em determinados contextos. Dentro desse grupo é possível encontrar as posturas macrossociais de Beck (2011) e Giddens (1995), que têm como foco a sociedade de risco e a modernidade reflexiva. Esses autores focam nas particularidades dos riscos contemporâneos considerando-os como característicos da sociedade atual.

Por fim, o terceiro grupo segue a tradição foucaultiana que discute a regulamentação e a disciplinarização dos corpos e das populações pelos discursos sobre risco e seus efeitos no controle social. Os que seguem essa perspectiva trabalham com os mecanismos de gerenciamento dos riscos (CARDONA, 2004).

Assim para perspectiva construcionista, a construção de noções de realidade e os sentidos atribuídos aos riscos devem ser considerados tanto as referências do macrossocial quanto a produção de sentidos e riscos no espaço do microssocial (CARDONA, 2004).

Para Lupton (1999), o construcionismo entende que o que determinamos, identificamos e gerenciamos como risco sempre será uma construção coletiva. Desse modo o risco não pode ser visto como um fenômeno inerte e objetivo, ele deve ser entendido como uma construção negociada de uma rede de interações sociais e de formação de sentido.

A seguir, abordaremos a perspectiva de Beck (2011) sobre a sociedade de risco, ela nos permitirá um aprofundamento na discussão sobre a questão dos riscos.

4.1.2 A sociedade de risco

Até aqui apresentamos a percurso e as principais abordagens teóricas que permeiam a discussão sobre o conceito de risco. No presente tópico explanaremos como o conceito de risco vem sendo discutido na Modernidade a partir dos estudos de Beck (2011 [1944]).

Os escritos do autor nos ajudam a pensar a construção dos riscos na Modernidade e como poderíamos enxergá-los quando analisamos essa construção no âmbito da vida e do trabalho dos cortadores de cana. Visto que, as discussões e protocolos utilizados no setor sulcroalcooleiro visam somente à prevenção de acidentes pautados nas Normas Regulamentadoras criadas com base na área da Segurança do Trabalho.

Beck (2011) entende o conceito de risco como um estado intermediário entre segurança e destruição, que tem seu sentido associado às ameaças determinadas a forma de entendê-lo pelas ações utilizadas para controlá-lo. Ele ainda afirma que é a percepção e definição cultural que compõem os riscos; e que o risco e a definição pública são a uma coisa só.

O autor afirma que as situações e os fatores de risco sempre estiveram presentes, mas esclarece que os riscos presentes no século XV são distintos dos da contemporaneidade. Para ele, os riscos atuais não são os mesmos dos identificados no período medieval ou no das grandes navegações. Desse modo, é possível notar uma diferença principalmente quando consideramos o alcance global e as causas atuais.

Para Beck (2011), nós testemunhamos uma ruptura da modernidade, que deixa de ser uma sociedade industrial clássica e passa a assumir uma nova roupagem, que ele denomina de sociedade de risco. Dentro dessa sociedade de risco o conhecimento científico passa a ser alvo de questionamento, Beck denomina esse período de Modernidade Reflexiva. Mas, além dessa nomeação encontraremos para esse espaço temporal o termo Modernidade Tardia adotado por Spink (2004), ou mesmo Pós-modernidade adotado por outros teóricos.

Os riscos da modernização tem seu desenvolvimento imediato, causado pelo crescente avanço do maquinário industrial e é consequência do progresso almejado pela sociedade. Mas a conscientização do risco só aparecerá na fase tardia da

modernidade. Nela os conflitos políticos e sociais dão lugar ao sentimento a respeito das ameaças sociais e ambientais. Assim a sociedade contemporânea passa a ser uma fonte abundante de produção de riscos (BECK, 2011).

De acordo com Beck (2011) na modernidade tardia a produção e a distribuição dos riscos estão diretamente ligadas à distribuição de riquezas. Diante disso, os riscos são considerados como um produto do avanço e do desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Ele ainda afirma que o risco na sociedade contemporânea tem dois aspectos importantes. O primeiro aspecto trata do domínio que o homem passa a ter sobre os recursos naturais, esse fato faz com que a produção dos riscos deixe de ser associada aos fenômenos da natureza e as divindades, e passa ser associada a interferência humana.

No segundo aspecto, os limites do risco deixam de ser geográficos ou associados aos grupos populacionais menores e passam a ter uma escala maior, globalizada por assim dizer, se estendendo para além da produção e passa a romper as fronteiras internacionais fazendo emergir ameaças a nível global e sem distinção de classe. Tornando-se cada vez mais perigosos, podendo atingir grandes proporções.

Como dito anteriormente, na história a distribuição dos riscos é diferente da distribuição de riquezas mas, para Beck (2011) essa afirmação não deve ser tida como parâmetro quando pensamos a distribuição de riscos específicos de acordo com as camadas sociais. É necessário destacar que os riscos assim como as riquezas não eram distribuídos igualitariamente e sim de modo inverso. Assim a classe social determinaria a concentração de risco, e estes teriam altos índices entre as parcelas mais pobres da população.

No entanto os riscos presentes na modernização possuem o alcance global como característica. Assim na sociedade de risco as situações de ameaça não devem ser entendidas como situações de classe de modo que seus conflitos não podem ser entendidos como conflitos de classe.

Mas o efeito social dos riscos é produzido independente da solidez das interpretações a partir de uma perspectiva científica o que levou o autor a fazer a seguinte afirmação: “o efeito social do risco não depende, portanto da sua solidez científica” (BECK, 2011, p. 38).

Com essa afirmação, é possível enxergar que as situações de riscos vivenciadas pelo mundo globalizado nem sempre serão vistas com os mesmos olhos por diferentes parcelas da população. É com o avanço da sociedade de risco que é possível enxergar a divisão entre os que são afetados pelos riscos produzidos e os que lucram com eles.

Como exemplo disso, o autor aponta para a pouca eficiência no desenvolvimento de medidas de proteção e de segurança. Ele alega que particularidades de algumas populações como a baixa escolaridade ou a dificuldade na adaptação dos equipamentos ao corpo podem influenciar diretamente na opção do uso desses equipamentos de proteção. Essa situação dá aos empregadores e encarregados, margem para transferir ao trabalhador a responsabilidade da ocorrência dos acidentes de trabalho.

Outra questão a ser pontuada sobre a produção de riscos é que muitos dos riscos que encontramos na atualidade não são percebidos em curto prazo pela população. Essas ameaças em muitos casos não trarão efeitos negativos durante a vida dos expostos ou afetados, mas possivelmente as futuras gerações sentirão a longo prazo os danos causados.

Entretanto a incapacidade de enxergar os riscos também pode ser provocada, pois em se tratando de riscos é necessário não se surpreender quanto ao aparecimento de situações não previstas ou não controláveis. A consciência dos riscos não deve ser considerada tradicional e nem tão pouco leiga, mas deve ser vista como consciência determinada e orientada cientificamente. Assim para que cheguemos a perceber os riscos como riscos e convertê-los em referenciais para o próprio pensamento e ação, é preciso que relações causais, sejam estabelecidas em circunstâncias distantes (BECK, 2011).

O invisível, ou aquilo que por definição não pode ser percebido, passa a integrar uma consciência de da crise e do repertório inverso do pensamento, da percepção e da experiência pessoal. Assim é possível afirmar a partir das palavras de Beck (2011, p. 88) que “a consciência do risco não consiste mais em ‘experiências de segunda mão’, e sim em ‘inexperiências de segunda mão’. [...] ninguém é capaz de conhecer os riscos, enquanto conhecer quiser dizer tê-los deliberadamente experimentado”.

Assim o risco passa a ser um problema social quando ele passa a ser investido pelo poder. A partir daí é necessário que se faça uso da gestão de riscos, e essa gestão pode ser utilizada também como forma de gerir a população. Para Beck (2011), o projeto de modernidade reflexiva está diretamente ligado à gestão de riscos e para se referir a esse deslocamento de vida para gestão de riscos, ele inclui três características: a globalização, a individualização e a reflexividade.

A globalização, que já tem um conceito bem disseminado na atualidade, é entendido como o entrecruzamento das relações e eventos sociais mesmo que estejam distantes dos contextos locais. Para Spink (2001, p. 1281) esse processo é consequência da “separação das relações entre tempo e espaço que tem como consequências a desterritorialização”.

Quanto à individualização Spink (2001) ressalta que ela é um processo da “singularização por meio da destradicionalização”. Beck (2011) associa à individualização as transformações notadas no âmbito de instituições tradicionais como família, trabalho e educação, tornando as biografias atuais projetos reflexivos. E, por fim, a reflexividade que se refere à revisão dos aspectos das atividades sociais e das relações com a natureza a partir de novas informações. Trata-se de mais um indicador para falar coisas sobre o mundo de maneira particular, mas também de descrevê-las de maneira alternativa (SPINK, 2001).

4.2 O CONCEITO DE SAÚDE A PARTIR DE UM OLHAR EPISTEMOLÓGICO

Existe uma dificuldade em conceituar saúde desde a Grécia Antiga, mas diante desse impasse Canguilhem (1990) propõe que além da doença a saúde também seja estudada pela ciência. Berlinguer (1978), afirma que a saúde como valor não é algo que só se consolida neste século, pois desde a Antiguidade, ela é associada a norma e ao ideal, sendo possível observar que há uma referência aos padrões sociais aceitos, estimados e desejados.

Embora a dimensão normativa da saúde não seja uma invenção da modernidade, com o movimento da Revolução Francesa a medicina adotou uma nova postura. O desenvolvimento do capitalismo e o desejo burguês de instalar uma nova ordem econômica e social, associada a industrialização e complexidade do

trabalho, achou-se necessária o estabelecimento de novas normas e padrões de comportamento (BATISTELLA, 2007; COELHO; ALMEIDA FILHO, 2003).

Assim partir da segunda metade do século XIX, surgiram novos padrões de normalidade no campo da medicina, bem como na área da sociologia e psicologia. O objetivo era a intervenção sobre o indivíduo humano, seu corpo, sua mente, e não apenas sobre o ambiente físico (COELHO; ALMEIDA FILHO, 2003).

De acordo com vários autores a saúde constitui um estado dinâmico que pode depender de muitos fatores como o contexto social, econômico, político, histórico, cultural, além do estilo de vida e do aspecto e das situações vivenciadas. De acordo com Berlinguer (1978) a saúde difere tanto quantitativamente quanto qualitativamente da enfermidade. Ela não implica o completo bem-estar, a normalidade uma vez que esta concepção se distancia da realidade concreta. A saúde acarreta uma quantidade moderada de sofrimento, com predominância de sentimentos de bem-estar. Ela pode ser vista como um ideal desejado, mas também uma realidade concreta.

Quanto à relação entre a saúde e a doença, a saúde tanto pode ser a ausência de doença quanto a sua presença, desde que temporária. Ela foi ampliada pela perspectiva da saúde com possibilidade de adoecimento defendida pela psicanálise, pela epistemologia médica de Canguilhem e, recentemente, pela antropologia (COELHO; ALMEIDA FILHO, 2003).

A saúde implica, portanto o poder adoecer e sair do estado patológico. A ameaça da doença é, portanto, um dos seus elementos constitutivos. Com isso Canguilhem (2014) afirmou que um dado signo de anormalidade pode ser um signo de normalidade no contexto do próprio indivíduo ou de seu grupo social.

Para Canguilhem (2014) o estado normal do corpo humano para a medicina, é o estado que se espera reestabelecer. A normalidade a ser estabelecida é um dos pontos de questionamentos do autor, pois seria normal porque é tratado para voltar ao estado anterior ou a terapêutica é realizada porque o interessado (nesse caso doente) seria o interessado em reestabelece o que ele considera dentro da normalidade.

Mas, de acordo com a epistemologia médica, uma terapêutica deve respeitar o novo modo de vida instaurado pela doença, não agindo intempestivamente no

sentido do retorno ao normal. Em medicina o estado normal do corpo humano é o estado que se deseja reestabelecer (COELHO; ALMEIDA FILHO, 2003).

A saúde não deve ser reduzida a uma adaptação de normas, mas precisa fazer referência à capacidade normativa. A partir do estudo realizado por Coelho e Almeida Filho (2003) os autores propõe distinguir três níveis de saúde: primário, secundário e terciário.

Como saúde primária os autores apontam que ela corresponde ao padrão científico de saúde entendido como universal. Ela dá abertura para eventuais modificações, criação de novas normas, reajustamento, sublimação, comunicação simbólica, autoestima e reconhecimento da realidade (CANGUILHEM, 1990, 2014; COELHO; ALMEIDA FILHO, 2003).

A saúde secundária se refere ao respeito ao padrão popular de um dado grupo social. Esse padrão pode variar dependendo do contexto socioeconômico, político, histórico e cultural, tanto na sociedade quanto nas diversas culturas de uma mesma sociedade. O que implica no compartilhamento dos sistemas de signos, significados, práticas bem como na utilização de mecanismos de defesa eleitos pela cultura e estratégias de normalização (COELHO; ALMEIDA FILHO, 2003).

A saúde terciária corresponde à expressão das novas normas instituídas pelo indivíduo, que podem ser de naturezas diversas, envolvendo os signos e os significados individuais e diferenciados de saúde. Desse modo a saúde não se reduz a um discurso normativo. Ela é a possibilidade de normalidade pelo indivíduo. Promover a saúde é realizar ações que gerem bem-estar ou evitem riscos, respeitadas as condições de escolha e criação dos indivíduos (COELHO; ALMEIDA FILHO, 2003).

Diante disso os autores acima citados afirmam que o limiar entre a saúde e a doença é singular, mesmo que este seja influenciado por planos que transcendam o individual. É no nível do indivíduo que se dá a influência dos contextos e isso se verifica na medida em que há diferentes respostas por parte dos membros de um mesmo grupo. Sendo assim, a saúde e a doença dependem do processo de simbolização da estimulação. Se o indivíduo não consegue dar um sentido ao que lhe acontece ou se lhe dá um sentido negativo, o resultado pode ser entendido como doença.

Desse modo a norma é sempre individual e cada indivíduo tem a sua própria concepção de normalidade. A normalidade deixa de se restringir a um único padrão, deixa de ser conforme um modelo predefinido de saúde e passa a se expressar de diferentes formas. Como exemplo disso Coelho e Almeida Filho (2003) afirmam que eventos que envolvem uma perda são os mais difíceis de serem bem assimilados. Mas se o indivíduo é normativo e se sente predominantemente bem, pode-se afirmar que ele está com saúde, mesmo que apresente índices que desviam do que se considera como um funcionamento regular, porte algum grau de sofrimento ou revele, até mesmo, sinais de uma doença.

Apesar da medicina trabalhar diretamente com o binômio saúde doença, não é possível estabelecer uma definição isolada de saúde e doença. Assim para Czeresnia (2003, p. 42), “o discurso médico científico não contempla a significação mais ampla da saúde e do adoecer. A saúde não é objeto que se possa delimitar”.

Assim, usando os conceitos e reflexões trazidos neste capítulo, iniciaremos a seguir as discussões acerca do trabalho nos canais tendo como base para estas a literatura e os autores citados até aqui.

5 NARRATIVAS DE HOMENS SERTANEJOS SOBRE SER CORTADOR DE CANA

5.1 O SERTANEJO MIGRANTE: A VIVÊNCIA DO PROCESSO MIGRATÓRIO E DO TRABALHO NOS CANAVIAIS

5.1.1 Perfil geral dos trabalhadores

Um grande contingente de homens migra da região do Pajeú, no sertão de Pernambuco para o trabalho no corte da cana no Centro-Sul do país todos os anos. O município de Santa Cruz da Baixa Verde, local escolhido para realizar a presente pesquisa, não foge à regra. Apesar de não existirem registros específicos quanto ao número preciso de pessoas que migram para o trabalho na colheita da cana, estima-se que cerca de 1.000 homens, na faixa etária entre 20 e 40 anos migrem para os canaviais. Os principais lugares de destino são os estados de Mato Grosso do Sul, São Paulo e Minas Gerais.

No entanto, esse quantitativo de trabalhadores pode sofrer variações dependendo das condições climáticas, tanto dos locais de origem quanto nos de destino. Em anos de “inverno bom” muitos trabalhadores optam por ficar em casa e trabalhar na agricultura familiar e cuidar de suas criações. Já em anos de seca o deslocamento desses homens se faz necessário para prover suas famílias, ficando a cargo das mulheres e filhos menores de idade as tarefas de lidar com os bichos e com a terra. São nesses anos de seca que podemos observar um acentuado aumento no deslocamento desses homens. Rubens, (48 anos, casado, pai de dois filhos, ensino fundamental incompleto) já migrou 5 vezes, e fala dos motivos que o levaram a sair de casa com destino as regiões produtoras de açúcar e álcool.

No ano que eu fui pra lá, o ano passado mesmo aqui não/ como se diz, não criou alguma coisinha. Choveu foi nada. Dois ano de seca, não criou foi nada. Todo mundo estava era morrendo de fome. (risos) As coisas foram pouca. A safrinha aqui foi pouca. Aí, como se diz, se eu tivesse aqui tinha sido pior. Porque aí a pessoa pra manter uma casa num ano seco,

no lugar da pessoa não é/não é bom não. A pessoa tem as obrigação da pessoa né, as responsabilidade né... aí não é fácil não.

Nos últimos anos é possível notar uma diminuição no número de contratações de trabalhadores nordestinos, em algumas regiões em decorrência da seca que atinge a região sudeste, em outros locais essa diminuição está associada ao avanço da mecanização no corte da cana, como na região de Ribeirão Preto no estado de São Paulo. Esse fenômeno foi observado durante a estada no campo no ano de 2014, em meados do mês de maio muitos trabalhadores já haviam retornado à Santa Cruz da Baixa Verde pois, as empresas estavam dispensando os trabalhadores. De acordo com os mesmos em anos de pouca chuva, há pouca cana para cortar, fazendo com que as usinas de fornecedores rescindam os contratos antecipadamente com os trabalhadores.

Cristiano (37 anos, casado, quatro filhos, ensino fundamental incompleto), conta como estava a situação dos canaviais na sua décima segunda migração. Cristiano afirma que com a ocorrência da seca na região sudeste a produção de cana-de-açúcar tem diminuído, levando a dispensa dos trabalhadores e ao retorno antecipado para os locais de origem.

Lá tá feia a coisa viu... Esse ano além de mim pegou só um menino daqui de baixo. A seca lá tá braba, braba, braba viu. As cana mermo, tá dessa alturinha só e tá secando. Lá tá sem chuva, tá embaçado mesmo.

É necessário chamar atenção para o período que o trabalhador consegue permanecer trabalhando no corte da cana. A literatura nos mostra que apesar de encontrarmos ainda homens acima dos 45 anos trabalhando, é possível notar que há um envelhecimento precoce decorrente das condições precárias do trabalho e da diminuição da produtividade do trabalhador, que levam as empresas a optarem por homens mais jovens com disposição para enfrentar o trabalho desgastante.

Como já sinalizado anteriormente, esses trabalhadores residem em sua maioria, na zona rural do município e já trabalham na lida na roça, tendo a agricultura familiar como seu meio de subsistência. Além do plantio de feijão e do milho muitos agricultores da região plantam também cana-de-açúcar, as canas plantadas na região são utilizadas especificamente na fabricação da rapadura, particularidade que tornou a cidade de Santa Cruz da Baixa Verde conhecida como capital da rapadura.

Quanto ao grau de instrução, esses homens possuem baixa escolaridade, na grande maioria dos casos têm apenas o ensino fundamental incompleto. Muitos desses trabalhadores abandonaram os estudos pois, a dificuldade de continuar os estudos começa nos últimos anos do ensino fundamental quando a participação deles no trabalho na roça é de fundamental importância para suas famílias.

Assim, a associação do cansaço do trabalho e a dificuldade de deslocamento para estudar na sede do município pois, muitas comunidades rurais do município não possuem escolas, fazem com que muitos desses jovens deixem de frequentar as salas de aula. Consequentemente a baixa escolaridade desses sujeitos tende a dificultar a entrada desses homens em outros setores do mercado de trabalho, ficando assim limitadas as opções de colocações no mercado de trabalho local.

A experiência com o trabalho na agricultura familiar, e especialmente com o plantio de colheita da cana na região, torna, aos olhos das usinas, esses homens como trabalhadores capacitados para o trabalho nos canaviais da região centro-sul. Além disso, a dificuldade de encontrar emprego em outras áreas e a necessidade de subsistência em períodos de seca levam esses trabalhadores a tomar a decisão de sair de sua terra natal e migrar para o trabalho no plantio e na colheita da cana. Podemos perceber isso na fala de Cristiano (37 anos, casado, pai de quatro filhos, ensino fundamental incompleto) que há 12 anos migra para trabalhar no corte da cana.

Pior é o caba ficar aqui, que o caba não ganha nada né. E lá o caba ganha ao menos um trocadinho né, mais pelo menos ganha né. Que a coisa aqui é feia... O caba não ganha nada não, fica só parado. Se o caba tiver trabalhando de roça o caba

ainda trabalha né, mais se não tiver, o caba fica parado... Que aqui não tem serviço não viu.

A fala de Gilson (25 anos, casado, ensino médio completo) reforça ainda mais o que foi sinalizado pelas narrativas de Cristiano.

A roça dá pra você comer, agora pra você vender... quando você vai comprar você compra feijão aí a trezentos, quatrocentos real. Quando você vai vender, você vai vender a cem real, que nem tá hoje. Então, não tem muito futuro. Aí o jeito é você ir pro corte da cana. Ir pra o corte da cana compensa, porque em seis, sete mês, você traz seus quatro, cinco mil e traz ainda duas, três parcela de seguro.

Essa saída em busca de melhores condições de vida proporciona mudanças notáveis nas cidades de origem, modificando os cenários urbanos e rurais. De acordo com Silva (2011), essa migração redefine os calendários das comunidades locais com o período de partida e da chegada dos trabalhadores. Modifica também a configuração familiar durante o período de saída, pois as mulheres passam a assumir a chefia das famílias, mesmo que muitas vezes a figura masculina exerça um controle por meio de telefonemas quanto a tomada de decisão a respeito da comercialização de animais, e alocação de trabalhadores para plantações.

Mudam até a estrutura das famílias, pois durante as idas e vindas muitas relações e casamentos são feitos e desfeitos. “Assim, é “normal” a presença nos espaços de origem, das viúvas de maridos vivos, nome dados às mulheres abandonadas por seus esposos ou companheiros migrantes.” (SILVA, 2011, p. 115).

5.1.2 A seleção de pessoal

A seleção de pessoal para o trabalho na cana se inicia final do mês de dezembro ou início de janeiro, dias após a chegada de muitos dos trabalhadores que

serão recrutados. O retorno aos canaviais começa a ser planejado muitas vezes antes da chegada em casa.

Esse processo é iniciado quando os arregimentadores começam a divulgar a quantidade de vagas para os postos de trabalho nas usinas e empresas fornecedoras que são representantes.

Quanto à figura dos arregimentadores podemos encontrar na região da pesquisa dois tipos. O primeiro é um cortador de cana que se destacou no trabalho em safras anteriores pelo bom comportamento e que boa relação com os fiscais e outros cortadores de cana, esse tipo de “turmeiro” seleciona um grupo de trabalhadores, mas como benefício ganha apenas a sua passagem para a região de destino. O segundo tipo de arregimentador é aquele que se dedica exclusivamente a função de arregimentar os trabalhadores para cada safra.

No caso dos arregimentadores do município de Santa Cruz da Baixa Verde, estes são ou já foram cortadores de cana que ganharam a confiança dos fiscais e de outros funcionários das usinas. É tarefa deles recrutar os trabalhadores, dando prioridade aqueles que não causaram “nenhum tipo de problema” em safras anteriores. Além da formação das turmas os arregimentadores são responsáveis ainda pela organização da viagem, transporte para os locais de trabalho e, durante a safra pelo desempenho e controle dos trabalhadores.

Alguns trabalhadores, como Fabiano (casado, ensino fundamental completo), falaram sobre a organização e a reserva da vaga em determinadas turmas.

A gente sai daqui em fevereiro. Mas Desde... dezembro, já sabia que ia. Já estava preparando a vaga já, pra ir. Recolhe o dinheiro, o dinheiro da passagem, aí com depois três dias recolhido o dinheiro aí eles/ a gente viaja pra lá de ônibus.

A segunda etapa do processo de seleção da força de trabalho, no caso dos informantes dessa pesquisa, se dá já nos locais de destino, onde os trabalhadores passam por uma triagem médica, onde são realizados exames laboratoriais e um exame físico com o médico do trabalho, geralmente contratado pela usina ou fornecedor.

Nessa etapa são excluídos os candidatos que possuam alguma patologia incapacitante. Mas, a baixa complexidade dos exames, o curto tempo de consulta, a pouca atenção dada aos trabalhadores, e a ocultação de possíveis queixas ou doenças pré-existentes faz com essa etapa de seleção não seja tão eficaz na prevenção de possíveis agravos e complicações na saúde desses trabalhadores. Essas contratações em muitos casos não são feitas imediatamente após a chegada dos trabalhadores as cidades de destino. Muitos fornecedores de usinas levam em torno de quinze a vinte dias para realizar a triagem com o médico do trabalho e assinar o contrato do trabalho. Entretanto mesmo sem oficializar o contrato os migrantes já iniciam a jornada de trabalho um dia ou dois após sua chegada nos locais de destino.

5.1.3 A viagem

Como dito anteriormente, é no mês de fevereiro que a migração para o corte de cana começa a se intensificar. Apesar de que durante o período da minha inserção no campo já havia passado essa etapa de saída maciça de trabalhadores, no início do mês de abril quando fui a Santa Cruz da Baixa Verde fazer os primeiros contatos com o pessoal do sindicato, as sindicalistas me informaram dias anteriores a minha chegada havia saído uma turma de trabalhadores com destino ao Mato Grosso do Sul.

Em anos anteriores acompanhei essa saída de trabalhadores da região, em turmas de 30 a 40 pessoas. As famílias se concentram nas ruas e na praça central da cidade à espera do ônibus que levarão os pais, maridos e filhos para longe durante cerca de oito meses. O clima é de festa e ao mesmo tempo de tristeza, de choro, de abraços e de aconchegos. Apesar de não ter visto, os relatos das lideranças do sindicato me fizeram lembrar o momento da partida presenciado em outros tempos.

Passadas as despedidas os homens, que na grande maioria dos casos migram sozinhos, organizam suas coisas, entram nos ônibus e partem rumo a São Paulo, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. A viagem é longa, em média três dias mas, também é perigosa. Muitos trabalhadores relatam a ocorrência de acidentes, e falam ainda sobre as dificuldades e o sofrimento de viajar em lotações ou ônibus clandestinos.

Sobre a viagem Fabiano diz que ela é marcada pelo sofrimento, sofrimento do corpo e da mente, por passar dias na estrada, e dos custos mais altos com a alimentação durante a viagem.

A viagem é doída né. Sofrida. O caba viajar, três dia viajando é ruim. “Na ida fomos de ônibus. Bastante gente né. Muita zuada, não dorme. O ônibus foi lotado. Quarenta pessoas. Se o cabra não levar algum troco, o caba passa fome mesmo na estrada, os restaurante é caro. É.... é meio ruim.

Gilson conta sua experiência nos dois anos em que migrou. A primeira vez em empresas que fazem a linha rotineiramente, com paradas e pontos de apoio específicos e a segunda vez na viagem em ônibus clandestinos, fretados exclusivamente para levar os migrantes para as cidades onde eles iriam trabalhar no corte da cana.

A viagem a primeira vez que eu fui, eu fui de ônibus de empresa, Itapemirim. Aí... FOI BOM. Não foi ruim porque tinha as paradinha certa. Aí... já na segunda vez eu fui de ônibus fretado. Fui mais um pessoal conhecido aqui em Santa Cruz. Aí... já era mais COMPLICADO. Pra ir no banheiro: “MOTORISTA, PÁRA... VAMO NO BANHEIRO.” Aí ele parava, aí encostava no acostamento né? A pessoa ia no mato mesmo e assim ia passando. Queria almoçar, a gente pegava... ele parava uma hora, duas hora... não tinha hora para parar. Chegava mesmo era na hora que / que chegasse em algum lugar que vendesse comida a gente parava e almoçava ou então jantava.

Sobre os perigos que cercam a viagem Fabiano conta o que passou quando voltava pra casa na safra do ano de 2013.

Também pra vim de lá pra cá, é... a gente sofreu uma batida. Nós vinha numa Van, aí foi e bateu em outra... atingiu quatro carro, só que não aconteceu nada não. Aí mais pra frente, na Bahia, nós ia caindo num barranco. Embaixo. Ia... ela ia capotando. A pista estava molhada. Aí o motorista pisou no freio, aí ela derrapou pra cair embaixo do barranco. Só quem sustentou ela foi o reboque se não tinha caído embaixo. Mas... conseguiu sair e consegui tirar o resto da viagem pra casa. Nós vínhamos nela aí quando nós chegamos em Salgueiro foi que ela parou de tudo. O caba fica com medo né. Eu vinha acordado. Uma sensação de medo e tudo. A gente pensa que vai morrer né, naquele momento. A gente vê muitos acidente né. Feio. Aí pensa que morre, mas tudo deu certo.

Nas narrativas dos trabalhadores é possível perceber um misto de angústia, medo, e de vislumbres de novas oportunidades quando falam da viagem. A viagem que estaria os levando para um trabalho desgastante, mas será o meio para concretizar conquistas como um “pedaço de terra”, aumentar a criação de animais, melhorar suas casas, manter e proporcionar uma vida melhor para suas famílias. Mas essa mesma viagem também traz os perigos das estradas, e no caso do acidente sofrido por Fabiano, traz ainda o medo de não mais voltar.

5.1.4 O trabalho nos canaviais: o plantio e a colheita da cana-de-açúcar

Todas as vezes em que eram perguntados como era o trabalho “nas canas” lá no Mato Grosso do Sul ou em São Paulo, as resposta tinham algumas variações mas, o resumo da narrativa do trabalho era uma só: o trabalho no corte da cana é duro, desgastante e sofrido. Trago a seguir alguns trechos retirados das entrevistas onde cada trabalhador fala mais ou menos de como vê o trabalho.

O trabalho lá é esforçado. Você ganha por o que você trabalhar. Se você não trabalhar, você não ganha. (Gilson)

Não tem futuro não, esse negócio de corte de cana não.
(César)

Cortar cana não é fácil. (Fabiano)

Né ruim não o trabalho. Maneiro não é não, é meio pesado.
Mas dá pra encarar, sim. (Antônio)

Mas, se por um lado o trabalho é penoso e necessário para dar um sustento às famílias que ficaram no sertão, por outro lado ele é tido como parte do cotidiano.

Apesar da experiência do trabalho intenso também estar presente na agricultura familiar, às múltiplas tarefas precisam de leveza que é conseguida com a forma de organização local do trabalho (WANDERLEY, 2009).

Assim, o trabalho nos canaviais permite que os cortadores de cana se afirmem socialmente, como homens provedores do lar e como trabalhadores fortes, a rotina exaustiva vem impactando seus corpos e mentes, impactos esses que podem aparecer a curto, médio ou longo prazo.

No entanto essa saída em busca de outra forma de remuneração além de permitir uma forma de sobrevivência imediata, proporciona ainda o investimento dos recursos materiais nas suas pequenas propriedades, o que irá garantir a reprodução das próximas gerações. Diante disso, é possível dizer que a família tem um lugar central no contexto de vida desses homens (WANDERLEY, 2009).

Sarti (1996) aponta para a importância do valor do trabalho para a afirmação da identidade masculina entre os pobres. Para a autora, “o trabalho é muito mais do que o instrumento de sobrevivência material, mas constitui o substrato da identidade masculina, forjando um jeito de ser homem. É condição de sua autonomia moral, ou seja, da afirmação positiva de si” (Sarti, 1996, p. 66).

É através do trabalho que o trabalhador-migrante se afirma, e isso duplamente: enquanto gente, boa gente, e enquanto homem. Mas a autora salienta, que, se a afirmação da virilidade passa pelo trabalho e pela disposição para trabalhar, estando por isso associada à noção de saúde, ela demanda também a existência de uma “família”, de modo que “a moral do homem, que tem força e

disposição [saúde] para trabalhar, articula-se à moral do provedor que traz dinheiro para dentro de casa” (Sarti, 1996, p. 72-73).

Aí reside a importância do trabalho, mesmo que penoso, para os trabalhadores-migrantes, uma vez que é por meio desse trabalho que eles conseguem se afirmar socialmente, bem como atenderem as expectativas sociais de seus grupos de origem.

Nos sítios em que visitei, a rotina desses homens é iniciada logo cedo. Durante os dias em que fiquei no sítio Baixa das Flores e no sítio São Paulo em Santa Cruz, vinham tendo chuvas recorrentes proporcionando a esses trabalhadores rurais fazer uma roça nesse ano que passou. À medida que eu ia caminhando com Iris ou Sr. Nabé era possível ver que por trás da maioria das cercas de pedra havia plantações de milho e feijão. Os homens começam a lida cedo na roça, mas por volta de onze da manhã, muitos deles retornam para o almoço em casa ou seus filhos e/ou mulheres vão deixar o almoço na roça. Após o almoço dão uma pequena pausa para descansar e finalizar o trabalho que já vinham dando andamento.

Ao se deslocar para trabalhar na safra da cana essa rotina muda completamente. Como as famílias não migram junto, esses homens passam a assumir tarefas que não realizam em casa, como cozinhar, cuidar da casa e lavar roupa. A maior parte deles relata que a jornada inicia muito mais cedo que nos locais de origem.

Existem duas modalidades de moradia, alojamentos e casas para os migrantes. Pude identificar durante o campo que a estadia dos trabalhadores em alojamentos ocorre mais quando a migração é realizada para o Mato Grosso do Sul, onde as frentes de trabalho estão localizadas em cidades de pequeno porte. Nesses locais os trabalhadores ficam nos alojamentos, onde recebem três refeições diárias, café da manhã, almoço (que é entregue a eles nas frentes de trabalho) e o jantar no final da tarde.

Sobre o alojamento Jorge (30 anos, solteiro, ensino médio completo) descreveu o alojamento que permaneceu os oito meses que passou em Lambari do Oeste na safra de 2013.

No alojamento é um prédio alto, arejado... Os quartos cada um chega e escolhe o seu, ai eles são quartos divididos, tem umas quatro beliche cada um, tem uns armário pra colocar as coisa. Ai tem a cozinha que tem geladeira, fogão na usina, só que só entra com ordem. Tem um refeitório também, ai lá tem uma televisão pra todo mundo. Os banheiros não é dentro dos quartos, é banheiro coletivo, tudo junto, é separado as fileirinha assim, cada um tem sua porta é separado, mas tem privacidade.

Como a alimentação é de responsabilidade do trabalhador quando estes moram nos barracos, é feito um revezamento todas as madrugadas para preparar a alimentação. O responsável pela comida do dia acorda às três da manhã e prepara tudo e coloca nas marmitas, a alimentação geralmente consiste em arroz, feijão, farinha e carne. Os demais acordam entre três e meia e quatro da manhã (esse horário varia de acordo com a distância entre os locais de moradia e os postos de trabalho) e iam se vestir e tomar café para ir esperar o ônibus que os levaria para os canaviais da região.

No fim do dia, quando retornam para casa, quem será responsável pelo jantar toma banho primeiro para dar andamento na cozinha, e os demais aguardam sua vez para tomar banho, lavar a roupa usada durante o trabalho e organizar os materiais para o próximo dia. Essa rotina se repete seis dias por semana durante todo o período da safra. No trecho destacado abaixo Gilson conta como são os dias antes e depois do trabalho.

Se acordava três hora da manhã, fazia comida, aí... o ônibus pegava a gente cinco horas, tinha vez que a gente passava duas horas pra chegar no corte da cana. Aí saía do corte cinco horas, mais ou menos. Aí a gente vinha, passava duas horas no coisa/ na rotina do/ do... na rotina da/ da viagem. Aí chegava em casa sete horas, ia lavar a roupa... mais ou menos umas oito, nove, mais ou menos, porque dependia da fila. Porque lá é por fila. Que é pouco tanque pra muita gente. Aí

geralmente é por fila. Aí a gente lavava a roupa, aí ia dormir e quando era no outro dia era a mesma coisa.

Muitos trabalhadores da colheita manual também são aproveitados no período da entressafra para atuarem nos tratos culturais e no plantio de cana. Por essa razão, muitos permanecem mais tempo na região de destino. Nas conversas com os trabalhadores de Santa Cruz da Baixa Verde percebi que o contrato de trabalho da maioria deles não se restringia somente ao serviço da corte da cana, vários trabalhadores contaram que trabalhavam também no plantio da cana-de-açúcar. O trabalho no plantio não é menos duro do que na colheita.

De acordo com Silva (2011), o plantio da cana é dividido em seis etapas, corte das mudas, abertura das valas, transporte das mudas pelos caminhões para os locais de plantio, picar as mudas e colocá-las dentro das valas e fechar as valas. Dessas atividades apenas duas são realizadas por máquinas, a abertura e o fechamento das valas. O restante das atividades é realizado por trabalhadores. No relato de Fabiano ele conta sobre como era a rotina no plantio da cana.

Saía de cinco e meia e ia chegar lá sete e meia. Assim que o caba chegasse, pegava logo. Ah, cada um/cada um ia procurar seu eito lá pra poder plantar a cana. Cinco, seis rua no plantio, de diferença. As canas já estavam lá, a máquina sai deixando um moinho em cada canto. Aí quando ela deixa lá a gente vai plantando de duas em duas canas. Primeiro coloca ela, aí segundo, pica todinho, aí depois a máquina vem e cobre ela todinha. É, um dia todo fazendo isso aí, até a hora de ir embora.

Na função de cortador de cana podemos entender a partir da narração de Cristiano sobre o dia de trabalho

E nós começava bem cedinho, começava logo a cortar cana por que quando esquentasse o caba não aguenta muito quente

né. Ai começava meio cedo mermo. Sete hora já estava trabalhando. Sete hora o caba já ia longe, tinha chão. O caba já estava suado até... Até a ponta da língua já estava suado. Ah nós não tinha hora certa não, nós não tinha hora pra almoçar não, nós almoçava na hora que nós queria.

A fala de Fabiano complementa a de Cristiano, quando ele explica as exigências que usina ou o fornecedor faz a respeito do serviço.

A gente tem que cortar, tirar a palha, cortar a palha, depois despontar e depois volta nas duas. Aí depois volta despontando todinha. Cortar o toco da cana no chão, dentro da terra. Despontar bem despontadinho e fazer o moinho bem feitinho. Aí volta tirando o olho dela e de lá a máquina pega e leva pra usina.

Nas narrativas sobre o processo de trabalho e seus efeitos sobre a saúde, os trabalhadores afirmam que o trabalho na cana é duro, sofrido e prejudicial. Os entrevistados para esse estudo entendem que isso decorre das condições de trabalho, mas também do esforço que são obrigados a fazer para garantir as médias de produtividade. Todos os entrevistados identificaram o corte da cana como um trabalho que desgasta o trabalhador num curto intervalo de tempo, porque é uma atividade intensificada e que pode ser associada diretamente à forma de pagamento por produção.

Essa configuração do trabalho que têm um ritmo de produção veloz pode trazer riscos imediatos a saúde do trabalhador como acidentes de trabalho mas, também pode gerar um desgaste irreversível em longo prazo, pois o esforço é contínuo e o tempo de recuperação física é limitado e insuficiente.

5.2 QUE RISCOS O TRABALHO TÊM?

Quanto aos riscos, os trabalhadores migrantes estão susceptíveis aos mais variados, tanto no trajeto Nordeste-Sudeste, quanto nos locais de trabalho em si. No texto da Política Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador a classificação dos riscos ocupacionais são divididas em três categorias:

- a) **Riscos ambientais:** físicos, químicos e biológicos;
- b) **Situacionais:** ergonômicos e psicossociais;
- c) **Humanos ou comportamental:** mecânicos e de acidentes.

No que diz respeito aos riscos ambientais a Norma Regulamentadora nº 09 (NR-9) do Ministério do Trabalho e Emprego (MET) assim reza: “consideram-se riscos ambientais os agentes físicos, químicos e biológicos existentes nos ambientes de trabalho que, em função de sua natureza, concentração ou intensidade e tempo de exposição, são capazes de causar danos à saúde do trabalhador” (BRASIL, 1994).

A referida portaria considera como agentes físicos “as diversas formas de energia a que possam estar expostos os trabalhadores, tais como: ruído, vibrações, pressões anormais, temperaturas extremas, radiações ionizantes etc.” Já os agentes químicos seriam “as substâncias, compostos ou produtos que possam penetrar no organismo pela via respiratória, nas formas de poeiras, fumos, névoas, neblinas, gases ou vapores, ou que, pela natureza da atividade de exposição, possam ter contato ou ser absorvidos pelo organismo através da pele ou por ingestão”. Por fim, os agentes biológicos são “as bactérias, fungos, bacilos, parasitas, protozoários, vírus, entre outros” (BRASIL, 1994).

No que tange aos riscos situacionais, a portaria faz referência tanto a postura irregular dos trabalhadores (riscos ergonômicos) quanto à fadiga e tensão relacionadas, dentre outras coisas, ao ritmo acelerado de trabalho (CHIODI; MARZIALE, 2006). Por fim, os riscos humanos ou comportamentais são inerentes a cada ambiente de trabalho a exemplo de condições do piso ou iluminação inadequada (SILVA; ZEITOUNE, 2009).

Considerando especificamente o processo migratório aqui estudado, como também a atividade de colheita da cana-de-açúcar, podemos apontar os principais riscos a que os trabalhadores-migrantes estariam susceptíveis.

No desempenho de suas funções de cortadores de cana-de-açúcar, os trabalhadores-migrantes estão susceptíveis a riscos oriundos do ambiente do trabalho. São riscos físicos, decorrentes das altas temperaturas e da recorrente exposição aos raios ultravioletas. Há também os riscos provenientes da exposição à fuligem da cana, bem como aos agentes biológicos, como por exemplo, as picadas de cobras.

Existem, ainda, os riscos situacionais relacionados ao ritmo acelerado de trabalho. Além disso, a colheita da cana é uma atividade que demanda muitos movimentos corporais, tais como: abaixar-se, abraçar certa quantidade de cana, levantar e baixar o facão, carregar a cana-de-açúcar cortada até determinado lugar, organizando-as em montes para facilitar o trabalho das máquinas colhedoras. Todo esse movimento repetitivo pode acarretar sérias sequelas físicas aos trabalhadores, tais como Lesões por Esforço Repetitivo e outros problemas osteomusculares e osteoarticulares.

Há por fim, os riscos de acidentes, tanto durante o percurso migratório (saída e retorno aos municípios de “origem”) quanto no próprio local de trabalho, uma vez que esses trabalhadores são remunerados por produção e trabalham a céu aberto, estes não tem como monitorar de forma adequada o terreno no qual pisam. Os trabalhadores-migrantes revelam ter consciência de grande parte dos riscos a que estão exposto na colheita de cana-de-açúcar.

O perigo é cortar cana na palha, por que pode ter cobra, por que tem muita cobra. Já, mas que morreu por picada de cobra, não. Tem sim (muita cobra), é porque tem lugar onde o fogo não passa... aí elas correm do fogo e ficam escondidas nas palhas (as cobras). O cara acostuma com o medo dos bicho. Não disse que o cabra se acostuma com o que é ruim, né? O cara nem liga... eu não tinha medo não (Rubens).

Em termos de doenças... tem aquele carvão que a gente respira. Aquilo ofende o cara com muito tempo depois que tá

trabalhando. Eu tive foi uma pneumonia que eu peguei lá. Depois que eu cheguei aqui não senti mais nada não (Caio).

O informante faz menção aos riscos biológicos (pode ter cobra) e também aos riscos oriundos dos fatores químicos (o carvão que a gente respira). Para Alberto, com o fim das queimadas e com a introdução da colhedeira mecânica, os riscos biológicos tendem a aumentar uma vez que o corte da cana crua, isto é, sem ter passado pelo processo das queimadas, torna iminente o encontro do trabalhador com animais peçonhentos, especificamente, cobras. Por outro lado, quando a cana é queimada, os riscos biológicos diminuem, no entanto, aumentam os riscos químicos provenientes da fuligem inalada.

Para Fabiano trabalhar na colheita de cana-de-açúcar implica em correr riscos constantemente. Em suas palavras:

O que tá lá, trabalhando, tá se arriscando né. E a família, além de tá aqui também, a gente não sabe o que precisa também né. Às vezes precisa de alguma coisa e a gente tá longe, num pode ajudar. Aí, tudo fica ruim. E trabalhar fora, a gente não arruma nada também não, a não ser doença né. Por que ninguém nunca enriqueceu com corte de cana. Sempre vai, sempre arruma só doença.

Esse trabalho pode trazer doença. Não só pra mim, pra todo mundo né. É muito perigoso isso aí. É muito veneno, você trabalha com muito veneno forte. Prejudica muito a saúde da pessoa. Só sei dizer que é muito perigoso. O pó da cana também pode prejudicar bastante coisa na pessoa. Sujeira nos pulmão pode prejudicar até câncer né. E aquele pó que você respira, aí fica dentro dos pulmão, aí pode causar aquelas mancha preta dentro. Principalmente, pode levar a morte né.

Além dos riscos gerados pelos fatores químicos (venenos, fuligem da queima da cana), Fabiano, pontua, também, os riscos de acidentes, sinalizando para o corte

com o manuseio do facão (podão) ou até mesmo com folha da cana quando estas são cortadas cruas. Esse tipo de acidente pode ser considerado frequente. Além dos cortes superficiais, há ocorrências de cortes mais profundos, podendo ocasionar lesões que acarretem a perda de membros ou incapacitações físicas. Para exemplificar a fala de Antônio que menciona já haver se acidentado e até mesmo presenciado acidentes graves com o instrumento de trabalho.

Vi acidente de corte. Vi muito. A pessoa ficava sem os dedo, ou dos pés e das mão. Eu ainda cheguei a me acidentar, ainda... Não, não foi grande o acidente. Mas ainda me acidentei. Eu fui amolar o facão e o dedo/ e a mão escapuliu e cortou no facão. Fiquei parado só uns diazinho e pouco, uns três, quatro dia. Só foi esse acidente que sofri só, Graças a Deus!

Entre os fatores de riscos que os trabalhadores-migrantes estão expostos, os acidentes são os que mais causam vítimas. De acordo com Macedo (2008), dos acidentes de trabalho sofridos pela população rural, 43% acontecem na cadeia produtiva da cana de açúcar. Entre estes, os cortes ocasionados pelo manuseio do podão (facão) são os mais frequentes, desde os cortes superficiais até os mais profundos, podendo essas lesões acarretar a perda de membros ou causar incapacitações físicas.

As quedas ou tombos, ocorridos pelas condições irregulares do terreno, também são recorrentes durante o trabalho. Além de tomar o cuidado com a o manuseio do facão, os trabalhadores têm de estarem atentos às condições do terreno sobre o qual trabalham. No entanto, esse monitoramento pode resultar na diminuição da produtividade, fator que influi na tomada de decisão do trabalhador de não vistoriar constantemente o espaço de trabalho. O acidente sofrido por Celso (34 anos, casado, ensino fundamental incompleto) que o deixou impossibilitado de continuar trabalhando. Ao escorregar na palha da cana ele caiu com uma perna dentro de um buraco lesionando a articulação do joelho prejudicando os movimentos de sua perna.

Eu trabalhava na lavoura, cortando cana. Ai eu fui cortar cana na palha né, essa era na palha nesse dia. Ai eu cai num buraco de tatu, ai o jeito que cai, desci no buraco, “ai eu digo eita torceu o joelho” mais ai fiquei sentindo, isso eu trabalhei ainda um mês ainda desse jeito... Ai devido eu cair nesse buraco de tatu, ai deu uma torção no joelho. Torceu, ai eu fiquei lá né, ia nos médicos e eles ficava lá só enrolando, a firma lá sem querer né, ai dizia isso ai apenas é só um desgaste. Não posso trabalhar, não posso, isso aqui eu não posso pegar peso, devido a perna que encurtou também.

Além dos riscos citados que podemos relacionar com as classificações de risco feitas pela segurança do trabalho, os entrevistados trazem em suas narrativas outros elementos que consideram risco, mas que não se encaixam na categorias mencionadas anteriormente. Assim na fala de Fabiano e Alberto podemos ver que para além dos riscos do trabalho em si, o fato de trabalhar na clandestinidade nos dias que sucedem a chegada aos locais de destino, até a assinatura dos contratos remete a sensação de “correr risco de sofrer um acidente e não ser assistido pelos contratantes”.

Com cinco dia que chego lá começou a trabalha. Sem tá fichado. É ruim né. A gente corre o risco. A gente corre o risco de sofrer algum acidente, corte né, ser picado por cobra. O ruim é isso aí, de trabalhar sem ser fichado. (Fabiano)

Esse ano mesmo eu fui, passei um mês sem ser fichado trabalhando. É que o caba sem tá fichado corre o risco de ser picado por cobra, se cortar. E eles não tem nada a ver aí, se a pessoa se cortar, sem ser fichado. Aí estando fichado eles recolhem a pessoa pra algum hospital. (Alberto)

No discurso da Segurança do Trabalho podemos encontrar elementos, condutas e equipamentos que são vendidos e distribuídos aos trabalhadores com o discurso de ser necessário para prevenir as situações de risco vivenciadas individualmente. Muitos dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI) disponíveis no mercado que tem como função prevenir acidentes de trabalho, porém as dificuldades na adaptação dos equipamentos ao corpo podem influenciar diretamente na opção de uso desses equipamentos de proteção.

Com as exigências da Norma Regulamentadora NR-9 e as intensas fiscalizações do Ministério do Trabalho nas frentes de trabalho nos canaviais da região centro-sul, além das instruções repassadas aos cortadores de cana no início da safra, disponibilizam para os trabalhadores um kit com os equipamentos de proteção individual.

De acordo com as informações dos migrantes entrevistados, os kits contém os seguintes equipamentos: chapéu ou boné, óculos de segurança, lenços para cobrir pescoço e parte do rosto, mangote, calças compridas, botina com biqueira de aço, perneiras com aço até o joelho e luvas canavieira com aço. Celso (34 anos, casado, ensino fundamental incompleto) fala dos equipamentos e explicita a importância do uso dos EPI's, sendo possível identificar o discurso ouvido nas usinas incorporado em sua narrativa.

Ah eles dão uns matéria pra se proteger, é botina, é caneleira, é calça, camisa, o boné, máscara que às vezes tem, luva né. Tudo tem. EU USO TUDO. EU USAVA TUDO... Tem a aula explicando. Antes da gente trabalhar, tem a aula explicando como é pra usar tudo, aquele EPI. Porque aí é cheio de/de fiscal olhando a gente. E a proteção da gente, a gente tem que usar, né não? Pra gente se defender.

Segundo Thenório (2006), os EPI's têm sido alvos frequentes de reclamações dos cortadores de cana. Ironicamente, aquilo que deveria proteger o trabalhador, tem causado desconfortos e ferimentos. O autor explica que as empresas adquirem os EPI's apenas para obedecer a legislação e evitar multas, contudo, não levam em

consideração o conforto do trabalhador. E caso o trabalhador se negue a utilizar o equipamento poderá ser demitido.

Apesar de afirmarem que seu uso é importante para a própria proteção, os óculos (que embaçam com o calor e o suor além de ficarem cobertos pela fuligem da cana), as luvas (que prejudicam a sensibilidade das mãos para pegar no facão), e as caneleiras (que dificultam nos movimentos de abaixar, curvar e levantar), os trabalhadores utilizam estratégias para efetuar seu trabalho com maior destreza e rapidez e driblar as fiscalizações e lidar com os riscos.

Por outro lado quando direcionamos nosso olhar para os riscos mais complexos como aos relacionados ao controle das condições climáticas (chamados riscos ambientais), a inalação da fuligem da cana e dos agrotóxicos usados no plantio da cana (riscos químicos), vemos que dificilmente são mencionados pelos responsáveis pela Saúde e Segurança do Trabalho dessas empresas, e tão pouco se utilizam medidas de controle e prevenção efetivas para minimizar os possíveis danos à saúde do trabalhador.

No entanto, entendemos que o efeito social dos riscos é produzido independente da interpretação científica que lhe é dada. Assim o risco passa a ser um problema social quando ele é investido pelo poder. A partir daí é necessário que se faça uso da gestão de riscos, e essa gestão pode ser utilizada também como forma de gerir a população (BECK, 2011).

Dessa forma, Beck (2011) nos ajuda a enxergar os riscos quando analisamos o contexto da vida e do trabalho dos cortadores de cana. Quando observamos a situação que o cortador de cana está inserido podemos encontrar várias estratégias de gerenciamento dos trabalhadores e dos riscos. Identificamos aí o controle dos espaços de trabalho por meio da figura dos fiscais que observam a execução do trabalho e apontam os erros e “os serviços mal feitos”.

O controle dos corpos também é executado com as inúmeras regras e normas que devem ser cumpridas com o intuito de gerir e prevenir os riscos aos quais os trabalhadores estão expostos. No entanto, as medidas de prevenção de acidentes por intermédio do autogerenciamento dos riscos não é eficiente para evitá-los, uma vez que muitos trabalhadores buscam estratégias para burlar o controle de seus corpos com os “jeitinhos” de não usar determinados equipamentos ou mesmo de não seguir determinadas normas de proteção individual. Assim o discurso de

controle dos riscos por meio de medidas técnico-científica é insuficiente. O que nos remete à questão da reflexividade na modernidade tardia, segundo Beck (2011).

Outra forma de controle está na ênfase dada pelos setores de saúde e segurança no trabalho quanto a responsabilização do trabalhador no uso dos equipamentos e na prevenção dos acidentes. Essa situação oferece aos empregadores e encarregados à possibilidade de se abster da responsabilidade, uma vez que os regulamentos de segurança foram adotados mas, o uso inadequado dos equipamentos e condutas e/ou a culpa pelos de acidentes, incapacitações ou mesmo a ocorrência de morte é de responsabilidade dos trabalhadores.

A partir do que foi apresentado entendemos que são vários os significados dados pelos cortadores de cana aos riscos, e que esses trabalhadores tem posturas e opiniões variadas quanto aos riscos a que estão expostos no trabalho. Mas, identificamos em suas narrativas que o discurso médico perpassa suas falas e a compreensão a respeito dos riscos.

Em suas narrativas é possível ver o gerenciamento dos riscos através do controle dos trabalhadores nos espaços de trabalho, através das medidas de prevenção de acidentes. Podemos perceber também que as usinas negligenciam outros riscos como a presença de animais peçonhentos nos canaviais, as temperaturas elevadas dos canaviais e a fuligem proveniente da queima da cana.

No entanto, os trabalhadores também utilizam-se de meios para desqualificar a eficácia dos equipamentos de proteção individual e outras práticas de segurança. A forma encontrada por ele é o enfrentamento do domínio das usinas. Essas posturas assumidas proporcionam ao trabalhador espaços de resistência no ambiente controlado pelas usinas, o que tira esses sujeitos de uma postura passiva e vitimada para o lugar de senhores de suas histórias (SILVA, 2011).

5.3 DOENÇAS E MORTES: O OUTRO LADO DA PRODUÇÃO CANAVIEIRA

Nas narrativas dos trabalhadores foi possível identificar os efeitos nocivos da atividade de cortar cana-de-açúcar sobre os corpos e mentes dos trabalhadores. Foram as histórias de adoecimentos, acidentes de trabalho com sequelas irreversíveis, sofrimento psíquico e morte de trabalhadores nos locais de destino, que marcaram alguns bons trechos da maioria das entrevistas.

Ronaldo foi acometido por uma pneumonia durante a última safra que migrou para o corte da cana no estado de São Paulo. Uma tosse intensa, acompanhada de dores de cabeça e febre foram os sintomas que o fizeram procurar atendimento em um posto de saúde da cidade em que trabalhava. O diagnóstico dado foi pneumonia. Em sua fala Ronaldo associa a doença que lhe afastou do trabalho no corte da cana a fuligem inalada nos anos que trabalhou nos canaviais.

Eu tive foi uma pneumonia que eu peguei lá. Depois que eu cheguei aqui não senti mais nada não. Eu tossia, minha cabeça doía direto e febre. Eu tossia e soltava aquelas bolas de sangue. Aí eu fui num postinho de saúde da cidade e o cara disse: Rapaz, isso aqui era bom você passar no médico da usina. Aí eu fui lá e ele pediu uns exames de sangue e depois ele disse: Rapaz, eu vou dizer um negócio pra você, se você quiser ficar, você fica, mas cortar cana pra você já era... Você tá com começo de pneumonia, pra você esse ano, não dá mais não, talvez pra cortar cana, mais nunca.

A vida longe de casa associada ao trabalho desgastante ganham diferentes contornos quando o adoecimento é experimentado longe de casa. Foi esse contexto que levou Ronaldo a voltar para Santa Cruz da Baixa Verde, onde resolveu prosseguir o tratamento aos cuidados da família. Os trechos das entrevistas de Ronaldo e Rubens mostram a importância que esses trabalhadores dão ao vínculo familiar e o que ele representa o que ainda resta de certeza em suas vidas, um porto seguro em um momento tão difícil, no lidar com o adoecimento.

Então eu decidi ir embora, porque eu tenho mulher e filhos e minha casa, mas pegar atestado não, porque minha ficha fica marcada. Eu estando em casa, minha mulher cuida de mim e eu me curo, então eu fiz um acordo com a usina, eles aceitaram e eu vim embora. (Ronaldo)

Que a pessoa tá distante e tá doente, o povo sai tudo pra ir trabalhar e você fica sozinho lá no alojamento, vou dizer uma coisa, né bom não viu. Fica só a pessoa e os vigilante lá né. A pessoa doente não é bom. Aí tá distante de casa, aí eu vou dizer uma coisa, aí né fácil não. SE TORNA PIOR, né. A pessoa quando tá no conhecimento da pessoa, no lugar da pessoa né, é outra coisa. A gente conversa mais um, conversa mais outro, é como se diz, aquilo vai espairecendo um pouco né. Mesmo pra quem tá doente, já é melhor a pessoa estando no lugar da pessoa. Porque a pessoa tá no meio do mundo, doente, sem ter mais quem conversar né, e... Aí já é pior né. (Rubens)

De acordo com Woortmann (1990) a família tem um papel central para o camponês, e o coletivismo interno da família é um dos fatores de permanência do campesinato através da história. Não é estranho que o retorno para casa seja a alternativa pensada pelos trabalhadores quando são acometidos por algum adoecimento, assim o tratamento em casa junto dos seus dá leveza ao adoecer e segurança no reestabelecimento da saúde.

Por retirar o indivíduo do espaço público, confinando-o no espaço privado, a doença representa, para os sujeitos masculinos, o questionamento de suas identidades de gênero. “Para o homem”, diz-nos Dejours (1992, p. 33) “a doença corresponde sempre à vergonha de parar de trabalhar”.

Nardi (1998) realça que a doença ou o acidente de trabalho retira o sujeito masculino do espaço público, confinando-o na esfera do privado (lugar do feminino no imaginário desses grupos sociais). Dessa forma, estar acidentado ou doente implica em sofrimento psíquico para o sujeito que tende, assim, a sentir-se envergonhado e culpado por não mais poder atender as demandas imbuídas no papel de trabalhador e provedor. Para os trabalhadores aqui em questão, há de se levar em conta, ainda, o medo de, estando acidentado ou doente, não conseguir se manter longe de casa, passando a viver da caridade dos companheiros de trabalho (SILVA, 2014).

Uma tendência bastante presente nos relatos é a tentativa, por parte dos migrantes, de silenciar adoecimento no local de trabalho. Ao falar de adoecimento com esses homens é possível perceber que apesar do estado de saúde, algumas patologias não são consideradas pelos trabalhadores motivo ou justificativa para faltar ao trabalho. Resfriados, gripes, dores musculares, cefaleias leves e pequenos escoriações são alguns exemplos de doenças que os trabalhadores negligenciam para não serem afastados do trabalho.

Apesar de a medicina classificar as doenças e condições físicas acima citadas como um estado patológico, os migrantes que estão inseridos no trabalho do corte da cana muitas vezes encaram esse estado de “doença” como um estado de normalidade. A fala de Gilson exemplifica bem essa visão de um adoecer negligenciado.

Geralmente, vira e mexe a gente estava com muita gripe. Não sei se era porque a gente também saía de madrugada e chegava de noite. E pegava na cana quente também e depois saía pro vento. Porque lá você pega, ENTRA NA CANA QUENTE E TOMA ÁGUA GELADA. Aí, lá é comum a gente fazer isso, de ir trabalha normal com gripe. Se for fica em casa toda vez que gripa não trabalha né.

Essa conduta dos trabalhadores pode ser justificada pelo fato de que para procurar tratamento esses trabalhadores têm de se ausentar do trabalho. O atendimento médico só será encontrado na sede da usina ou nos postos de saúde da cidade mais próxima, o que acarretará em um dia a menos de trabalho e consequentemente a diminuição salário, pois a remuneração deles é calculada de acordo com a quantidade de cana cortada por dia. Assim para esses homens nem todas as doenças são “relevantes” ou incapacitantes o suficiente para que eles deixem os seus postos de trabalho

Muitas vezes a alternativa encontrada para suportar as dores, o sofrimento físico e mental é a automedicação. Muitos afirmam que já tem em casa remédios para febre, dor, xaropes para tosse e etc. Essa conduta é identificada na maioria dos

relatos dos trabalhadores que tem alguma doença osteomuscular, sendo as dores na coluna, nos braços e nas pernas as que os trabalhadores entrevistados mais referem fazer a automedicação.

Quando são vencidos pelos sintomas e incômodos físicos decorrentes das posturas inadequadas adotadas durante o processo de trabalho, esses homens procuram atendimento na rede pública de saúde. Ao serem atendidos são medicados e mandados de volta para casa com um atestado médico de alguns dias para repouso, no entanto muitos trabalhadores preferem não apresentar o atestado médico e voltar à rotina de trabalho no dia seguinte.

Um dos motivos para que essa postura seja adotada decorre da postura das usinas, uma vez que as mesmas controlam a quantidade de atestados médicos que o trabalhador apresenta durante a safra. Ao trabalhador que faltou “demais” durante o período de trabalho na safra anterior será “marcado” e no ano seguinte pode não conseguir mais uma vaga de trabalho.

Assim é possível perceber que há um desprezo dos trabalhadores doentes por parte das usinas, uma vez que quando a “máquina de trabalho” não tem mais utilidade ela será descartada. Percebe-se, de igual modo que, ao adoecerem, os cortadores de cana muitas vezes escondem os sintomas, por medo de perder o emprego ou ter o salário reduzido, deixando, portanto, para revelarem os incômodos físicos e mentais no último caso, quando não se consegue mais trabalhar. Desse modo, os homens fortes, ágeis e jovens são devolvidos aos seus locais de origem tão “moídos” quanto o bagaço da cana fica após a extração da sacarose.

Histórias como a de Carlos (44 anos, separado, quatro filhos, ensino fundamental incompleto) podem ser tomadas como exemplos de homens que foram para o trabalho na cana gozando de boa saúde e voltaram incapacitados fisicamente para exercer qualquer trabalho na lavoura.

Em 2012, Carlos foi cortar cana no Mato Grosso do Sul, durante os primeiros cinco meses da safra tudo corria normalmente. Durante um sábado à tarde, quando retornava da cidade próxima ele foi atropelado por um carro no caminho para o alojamento. Como resultado desse acidente Carlos tem um encurtamento no braço esquerdo que o impossibilita de realizar qualquer trabalho na lavoura.

Quando eu vinha voltando da cidade pra o alojamento era na faixa de umas quatro hora da tarde mais ou menos. Ai eu vinha sozinho e um caba lá bateu em mim, ai quebrei as duas perna e o braço. Eu estava sozinho na hora... Eu cai bem mais de dois metro longe. A minha sorte foi uma vizinha que tinha lá que a mulher chamou a ambulância, isso já era umas sete hora da noite. O resultado foi que eu fui lá pra o hospital, passei bem oito dia lá. Eu fiz duas cirurgia nas perna e duas no braço. Ai depois que eu vim pra cá eu fiz mais duas, aqui em Serra Talhada mesmo. Eu passei três mês lá depois do acidente, até terminar a safra.

Assim como Carlos, Celso também retornou do trabalho na colheita da cana com uma lesão física, um encurtamento na perna que também o impossibilita de trabalhar na lavoura. Ambas as histórias tem um ponto em comum, embora os danos à saúde sejam decorrentes do processo de trabalho, os empregadores não arcaram financeiramente com os tratamentos destes trabalhadores, um vez que estes foram realizados pelo Sistema Único de Saúde.

Diferente da história de Carlos, que ainda tem vínculo empregatício com a usina e recebe todos os meses o que seria referente ao seu salário bruto (pois não foi rescindido o contrato de trabalho), Celso passou dois anos entre idas e vindas para conseguir comprovar sua situação física e então conseguir receber o benefício da previdência social. Diante disso é possível entender que as usinas sugam os melhores anos e o que esses trabalhadores podem lhe oferecer de melhor e no futuro descartarão esses homens como um “maquinário com tecnologia ultrapassada” que não lhes servem mais.

Esses inúmeros adoecimentos, acidentes de trabalho e falta de assistência social que assolam a vida dos trabalhadores do corte da cana são resultado também do fato da indústria canavieira está inclusa nas estatísticas do Ministério da Previdência Social como umas das maiores causadoras de acidentes de trabalho (SILVA, 2008).

No entanto, os adoecimentos podem não ser os piores resultados produzidos pelo trabalho na colheita da cana-de-açúcar. Muitos são os trabalhadores que se

deslocam de suas casas no interior dos estados do Nordeste e jamais voltam, tendo como causa dessa ausência a morte prematura.

Segundo a Pastoral do Migrante, foram registradas 23 mortes de trabalhadores-migrantes, com idades entre 20 e 53 anos entre os anos de 2004 a 2009. Esse número pode ser invisibilizado se levarmos em consideração que nos atestados de óbito as causas da morte desses trabalhadores são muito vagas, e não fazem relação com a atividade de cortar cana. De acordo com Guanais (2011, p. 48) “nos atestados consta apenas que os trabalhadores morreram ou por parada cardíaca, ou insuficiência respiratória, ou acidente vascular cerebral”.

No estudo realizado por Barbosa (2010), sobre as possíveis causas da morte de trabalhadores nos canaviais, a autora concluiu que o trabalho no corte da cana queimada provoca alterações cardiovasculares e respiratórias na saúde dos trabalhadores que participaram do estudo. A autora afirma que há uma sobrecarga decorrente do esforço do trabalho, sobrecarga essa que o organismo não consegue equilibrar. Nas palavras da autora:

É provável que na atividade de corte de cana devido ao ritmo de trabalho intenso, os ajustes fisiológicos que ocorrem em resposta ao exercício físico não consigam dar suporte à demanda do organismo para manter o equilíbrio interno, e com isto resposta anômala e/ou patológica passe a ocorrer, refletindo em níveis diversos de fadiga e insuficiência dos músculos envolvidos no trabalho e de órgão alvos exigidos acima do limite e analogamente ao que ocorre com os atletas (BARBOSA, 2012, p. 7).

Assim as altas cargas de trabalho e o esforço físico que associados ao ambiente de trabalho, onde o calor e os hidrocarbonetos decorrentes da queima da cana estão presentes, são fatores que predisponentes o desgaste físico e conseqüentemente ao aparecimento de doenças respiratórias e cardiovasculares.

Desse modo é possível afirmar, de acordo com Barbosa (2010), que:

As manifestações clínicas da exposição ao calor são em geral inespecíficas e de caráter progressivo. Inicialmente aparece o edema de membros inferiores, devido à vasodilatação periférica. Em seguida é comum a aparição de câimbras, que ocorre pelo desequilíbrio hidroeletrolítico, sendo este sintoma um alerta sobre a possibilidade de lesões mais graves decorrentes do calor excessivo. Se o quadro evoluir, sintomas de exaustão com a presença de bradicardia, hipotensão e síncope podem se manifestar e finalmente um quadro de hipertemia poderá se instalar podendo levar à morte, se medidas terapêuticas não forem tomadas a tempo (BARBOSA, 2010, p. 7).

Cristiano nos contou no decorrer da sua narrativa sobre duas mortes de cortadores de cana, uma de uma parente próximo e a outra que ele presenciou durante um dia normal de trabalho.

A primeira foi a morte de um tio dele, Cristiano disse que no ano que o tio migrou para cortar cana ele optou por ficar em Santa Cruz da Baixa Verde, pois no ano anterior tinha tirado a safra completa e estava recebendo o seguro desemprego. No trecho abaixo Cristiano conta como aconteceu a morte do tio.

Meu tio morreu lá. Deu uma febre nele, aí ele foi trabalha com febre no outro dia lá, trabalhou o dia todinho no sol quente. Aí quando voltou, foi tomar banho e caiu no banheiro lá e morreu. Quando os povo foram olhar ele estava quase morto no banheiro, ainda levaram pra o hospital mas já chego lá morto já. Fazia quatro mês que ele estava lá quando morreu.

A outra morte relatada por Cristiano foi à de um cortador de cana da Bahia de 32 anos. De acordo com Damião esse já era a sétimo ano que ele migrava para o trabalho no corte da cana. Diferente da morte do tio, o óbito desse trabalhador aconteceu durante o dia, no meio do canavial.

Tinha um cara que trabalhava mais nós lá, ele já ia com quatro ano, trabalhava e quando nós fomo caçar ele, ele estava deitado lá no chão já morto sem fôlego. Nós pensamos que ele estava na sombra lá. Ele correu pra sombra e ficou deitado lá... Aí a gente disse, 'esse cara ali na sombra?' Esse cara era fominha... Nós cortava dois, três eito e ele tirava quatro, cinco. Nesse dia ele cortou dois eito e foi pra sombra, quando nós fomo olhar ele tinha morrido de infarto. Estava morto lá. Puxou muito e não aguentou, teve um infarto e caiu. O cara que media cana chamou o resgate mais não deu mais tempo pra nada não. Já era já, estava morto. Um caba novo trabalhador, parece que ele tinha 32 anos só.

Além dos trechos destacados acima, Cristiano falou um pouco de como ficaram os ânimos dos trabalhadores que estavam no eito de cana no dia da morte e como ele encarou esse fato.

Quando ele morreu veio quatro embora. Mas se o caba for se pegar e pensa quem morreu quem não morreu o caba vem embora e não faz mais nada lá. Quando chegou o dia o caba morre mesmo, não tem conversa, pode ser qualquer um, vai né. Vamos volta a trabalha e pronto né, vamos trabalhar. Mas eu fiquei com vontade de vim embora, mais o caba vai vim? O caba se viesse pra aqui era pior, os ano ruim danado, uma seca danada. Se o cara viesse pra cá era mais embaçado né. O cara fica com medo de acontecer a mesma coisa, mas né o jeito? O caba tem que trabalha né... O cara tem que ficar.

Apesar de não ter tomado a mesma decisão de outros colegas de trabalho e voltar para seus locais de origem antes de terminar a safra, Cristiano decidiu continuar cortando cana naquele ano. No entanto na fala dele é possível perceber que a morte do colega de trabalho o abalou. Fez refletir sobre o risco que corre realizando tal trabalho desgastante, mas por outro lado o fato de a manutenção de sua esposa e filhos depender do trabalho no corte da cana naquele ano, devido à seca que assolava o sertão de Pernambuco, levou Cristiano a permanecer trabalhando e evitando pensar muito sobre a morte do colega.

Considerando as condições climáticas em sua terra natal, mesmo com a morte do colega, o trabalho externo (nesse caso o corte da cana) se torna uma necessidade, pois a renda desse trabalho é imprescindível para a manutenção da família, da criação e da terra em vivem (WANDERLEY, 2009).

Assim podemos associar diretamente ao pagamento por produção o sofrimento físico e mental que o trabalhador experimenta durante a safra da cana-de-açúcar. O ritmo de trabalho acelerado sem intervalos estabelecidos, o processo de trabalho e do pagamento por produção são responsáveis por provocar uma série de sinais e sintomas da degradação e do esgotamento físico do trabalhador. Desse

modo, o agronegócio canavieiro a medida que avança suga ano a ano a energia desses trabalhadores com as intensas e extensas jornadas de trabalho consumindo sua saúde e diminuindo a expectativa de vida (SANTOS 2013; VETORASSI, 2010).

Mas, apesar das condições de trabalho precárias, dos riscos decorrentes do trabalho, da ameaça à saúde, dos adoecimentos, dos vários casos de trabalhadores que se tornaram inaptos ao trabalho na cana ou na lavoura e da ocorrência de mortes de outros cortadores de cana durante o trabalho, oito dos treze participantes dessa pesquisa afirmaram que tinham a intenção de retornar para a região centro-sul para trabalhar no corte de cana.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na discussão aqui proposta, buscamos investigar experiências sobre trabalho, riscos, adoecimentos e morte nas narrativas de trabalhadores migrantes nordestinos. Em suas falas pudemos compreender porque os trabalhadores decidem migrar, e como eles narram o trabalho, os riscos e os efeitos da atividade cortar cana sobre seus corpos e mentes.

As narrativas trazem as marcas do grupo, nos dando uma visão privilegiada dos processos sociais de seus reflexos sobre o cotidiano desses trabalhadores. A partir delas pudemos entender que a decisão de sair de casa para tentar outro meio de renda acontece por diversos motivos, entre eles a precarização da agricultura familiar, a falta de oportunidade de conseguir uma colocação no mercado de trabalho local, uns pela baixa escolaridade, outros por entenderem que o trabalho na cana é mais rentável do que se empregar nos pequenos comércios da cidade. Outra questão pontuada pelos trabalhadores foi o período de estiagem que impossibilita a lida na terra, a criação de animais e a plantação de pequenas lavouras de milho, feijão, mandioca e cana-de-açúcar.

Os dados permitem-nos afirmar ainda a existência de uma relação intrínseca entre os riscos que se corre e a afirmação da identidade de gênero dos sujeitos investigados. Foi possível identificar que há uma relação valorativa entre ser homem, provedor e trabalhador e que é através do trabalho, mesmo este sendo desgastante e perigoso, que é afirmada a identidade masculina.

Essa autoafirmação de virilidade passa pelo trabalho e pela disposição para trabalhar, estando por isso associada à noção de saúde. Além disso, essa representação está intimamente ligada à existência de uma “família” que demanda o sustento por parte desse trabalhador.

Desse modo fica claro que os trabalhadores-migrantes do setor sucroalcooleiro estão constantemente expostos a fatores de risco que podem vir a desencadear ou desenvolver, em algum momento da sua vida, as mais variadas patologias.

No decorrer do trabalho foi possível entender que os trabalhadores-migrantes não só nomeiam mas, também reconhecem os eventos considerados arriscados no

corte de cana, sendo a noção de risco fortemente marcada e organizada pelo discurso da Saúde e da Segurança do Trabalho, que ancorado nesse conhecimento determinam quais as condutas saudáveis, seguras e corretas que os cortadores devem seguir.

As narrações desses trabalhadores acerca do processo de trabalho e seus efeitos sobre a saúde é a de que o trabalho na cana é duro e prejudicial à saúde. Os trabalhadores migrantes reconhecem as situações e eventos arriscados no corte da cana. A noção de risco para os cortadores de cana está marcada pelo discurso médico e da segurança do trabalho que transfere para o trabalhador o gerenciamento dos riscos. Assim caberá ao trabalhador a responsabilidade e obrigação que da sua segurança e do seu bem-estar no trabalho.

Esse potencial danoso do trabalho é decorrente tanto das condições de trabalho, quanto do esforço físico que esses trabalhadores são obrigados a fazer para atingir as altas metas produtividade exigidas pelas usinas. Todos os sujeitos entrevistados durante essa investigação identificaram o corte da cana como um trabalho que desgasta que é esse desgaste é intensificado pela forma de pagamento por produção.

Entendemos ainda como eles vivenciam o dia a dia no trabalho marcado pelo intenso ritmo de produção. Um trabalho acelerado que pode trazer riscos imediatos para a saúde do trabalhador com os acidentes de trabalho, mas também pode gerar um desgaste irreversível em longo prazo, pois o esforço é contínuo e o tempo de recuperação física e reprodução da força de trabalho são limitados e insuficientes (SANTOS, 2014).

Podemos então responsabilizar processo de trabalho e do pagamento por produção pelas mortes por excesso de trabalho, o que leva aos trabalhadores a terem de assumir o ônus dos baixos salários recebidos. Desta forma, o fim das mortes por excesso de trabalho requer mudanças no processo de trabalho e o fim imediato do pagamento por produção no corte de cana. Esse pagamento deve ser substituído pelo princípio universal do pagamento por tempo de trabalho e da jornada fixada em horas de trabalho (ALVES, 2010).

É imprescindível enfatizar que a vulnerabilidade social dos trabalhadores-migrantes os tornam também vulneráveis em seus ambientes de trabalho nas usinas canavieiras, expondo-os aos riscos e adoecimentos. Uma vez acidentados ou

doentes, tais trabalhadores passam a questionar suas próprias identidades de gênero, já que acidentes ou doenças os retiram do lugar ocupado por aquele que trabalha e, que por isso, podem prover a si próprio e ao seu grupo familiar.

Esperamos que as discussões aqui realizadas sejam vistas como possibilidade de abrir espaço para refletir sobre o papel e a implementação eficiente das políticas públicas que versam sobre a saúde do trabalhador. Não menos importante acreditamos que os dados resultantes dessa investigação permitirão, por um lado, desvelar os elos perversos entre migração, trabalho na colheita de cana-de-açúcar e os impactos sobre a saúde dos trabalhadores-migrantes; e por outro questionar não a política de apoio nacional ao agronegócio canavieiro, mas, sobretudo, revelar aqueles e aquelas sobre os quais o preço do avanço e modernização do setor tem incidindo com maior frequência e brutalidade.

Ser homem acidentado, doente, remete a ser incapacitado, marginalizado, motivando a culpa pela situação enfrentada e que tende a ser vivenciada no contexto do sofrimento psíquico. Impedir que esse sofrimento se prolifere implica em nos engajarmos na luta por condições e ambientes de trabalho saudáveis e decentes. Eis aqui o desafio dos que estão no campo da atual saúde do trabalhador.

REFERÊNCIAS

ALESSI, N. P.; SCOPINHO, R. A. A saúde do trabalhador do corte da cana-de-açúcar. In: ALESSI, N. P. et. al. (Orgs.). **Saúde e trabalho no Sistema Único de Saúde**. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 121-151.

ALVES, F. Por que morrem os cortadores de cana? **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 15, n.3, set/ nov. 2006. p. 90-98.

_____. Migração de trabalhadores rurais do Maranhão e Piauí para o corte de cana em São Paulo: será esse um fenômeno casual ou recorrente da estratégia empresarial do Complexo Agroindustrial Canavieiro? In: NOVAES, Roberto e ALVES, Francisco (Org's). **Migrantes: trabalho e trabalhadores no Complexo Agroindustrial Canavieiro (Os heróis do Agronegócio Brasileiro)**. São Paulo: Ed. UFSCar, 2007.

AYRES, J. R. **Sobre o Risco**: Para Compreender a Epidemiologia. Editora Hucitec, São Paulo, 1997.

BACKES M. T. S.; ROSA, L. M.; FERNANDES, G. C. M; BECKER, S. G.; MEIRELLES, B. H. S.; SANTOS, S. M. A. Conceitos de saúde e doença ao longo da história sob o olhar epidemiológico e antropológico. **Rev. Enfermagem UERJ**. 2009; 17(1) 111-117. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v17n1/v17n1a21.pdf>> Acesso em 26 jan. 2015.

BARBOSA, C.M.G. **Avaliação cardiovascular e respiratória em um grupo de trabalhadores cortadores de cana-de-açúcar queimada no estado de São Paulo**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2009.

BATISTELLA, C. **O território e o processo saúde doença**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2007.

BECK, U. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Ed. 34, 2011 [1986]).

BENJAMIN, W. **O narrador: Observações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: Textos Escolhidos. Tradução de José Lino Gunnewald, et al. São Paulo: Abril Cultural 1980.

BERLINGUER, G. **Medicina e Política**. São Paulo: Hucitec, 1978.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **Decreto nº3214 de 1978**. Dispõe sobre as condições mínimas de trabalho. Brasília (DF): Secretaria de Documentação; 1978. Disponível em: <www.mte.gov.br> Acesso em 29 jan. 2015.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **Norma regulamentadora R9: riscos ambientais. Brasília (DF):** Programa de Prevenção de Riscos Ambientais. 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. **As cartas de promoção da saúde**. Brasília, Rio de Janeiro, DF: O Ministério; 2002. Disponível em: <http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/02_1221_M.pdf> Acesso em 28 jan. 2015.

BROCKMEIER, J; HARRÉ, R. Narrativa: Problemas e Promessas de um Paradigma Alternativo. **Psicologia: Reflexão e crítica**. 2003, p. 525-535.

CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **La Santé: concept vulgaire et question philosophique**. Toulouse: Ed. Sables, 1990.

CARDONA, M. C. G. **Linguagem dos riscos e sujeitos posicionados: o uso de agrotóxicos no Vale de Quíbor, Venezuela**. Doutorado em Psicologia Social. PUC-São Paulo, 2004.

CASTIEL, L. D. **A medida do possível... saúde, risco e tecnobiociências**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 1999.

CLANDININ, J; CONNELLY, M. **Pesquisa narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COELHO, M. T. A. D.; ALMEIDA FILHO, N. Análise do Conceito de Saúde a partir da Epistemologia de Canguilhem e Foucault. In: GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, M. H. A. Organizadores. **O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003. p. 101113.

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar. – v. 1 – Brasília: Conab, 2013- v. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>> Acesso em 09 jan. 2015.

COVER, Maciel. **O “tranco da roça” e a “vida no barraco”: um estudo sobre trabalhadores migrantes no setor do agronegócio canavieiro**. UFCG-PB, 2011. (Dissertação de Mestrado).

CUNHA, R. C. **A pesquisa narrativa: uma estratégia investigativa sobre o ser professor**. In: 5o Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI. Teresina: Edufpi, 2009.

CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. de. (Orgs.) **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Estudos e pesquisa: desempenho do setor sucroalcooleiro e os trabalhadores**. Ano 3. N° 30. 2007. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2007/estpesq30_setorSucroalcooleiro.pdf> Acesso em 12/12/2014.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo da psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1992.

DOMINGUES, A. T.; THOMAZ JUNIOR, A. O impacto nas relações de trabalho a partir da territorialização do setor agroindustrial canavieiro: alguns apontamentos sobre o Mato Grosso do Sul. **Geografia**: Londrina, v.22, n.1, jan-abr., 2013, p.139156.

FANTON, M. Sujeito, sociedade e linguagem: Uma reflexão sobre as bases teóricas da pesquisa com narrativas biográficas. **Civitas**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, set-dez, 2011, p. 529-543.

FREDO, C. E. **Número de Contratações Formais Diminui no Setor Sucroalcooleiro Paulista no Primeiro Semestre de 2014**. Análises e Indicadores do Agronegócio. v. 9, n. 8, agosto 2014. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=13465>> Acesso em 12/12/2014.

GUANAIS, Juliana B. **No eito da cana, a quadra é fechada: estratégias de dominação e resistência entre patrões e cortadores de cana em Cosmópolis/SP**. UNICAMP/SP, 2010. (Dissertação de Mestrado).

GUANAIS, J. B. Degeneração física, acidentes de trabalho e mortes: o nexos causal entre o pagamento por produção e o adoecimento dos cortadores de cana. **Saúde Coletiva em Debate**, Serra Talhada, v. I, 2011, p. 40-53.

GIDDENS, A. **Risco, Confiança, Reflexividade. Modernização Reflexiva**: Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna. Editora UNESP, São Paulo, 1995.

GUTIERREZ, P.R.; OBERDIEK, H. I. Concepções sobre a saúde e a doença. In: ANDRADE, S.M.; SOARES, D.A.; CORDONI JUNIOR, L. Organizadores. **Bases da Saúde Coletiva**. Londrina: UEL; 2001.

IAMAMOTO, M.V. **Trabalho e indivíduo social**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

JAVCHELOVITCH, S; BAUER, M. **Entrevista Narrativa**. In: BAUER, M.W; GASKELL, G. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes; 2002. p.90-136.

LINDEMBERG, M. A. Saúde- doença: conhecimento, poder, cultura, ciência e história. **Práxis em saúde coletiva**. 2006. Disponível em:

<<http://psaudecoletiva.blogspot.com.br/2009/04/saude-doenca-conhecimento-poder-cultura.html>> Acesso em 28 jan. 2015.

LOURENÇO, E. A.S. Degradação do trabalho e agravos à saúde dos trabalhadores no setor agroindustrial canavieiro. **Revista Pegada**. vol. 13, n.2, dez. 2012. p. 20-45.

LOURENÇO, L.; DANKZUC, R.; PAINAZZER, D.; JUNIOR, N.; MAIA, A.; SANTOS, E. A Historicidade filosófica do Conceito Saúde. **História da Enfermagem**, n.º 1, vol. 3, 2012, p.17-35.

LUHMANN, N. El Concepto de Riesgo. In (Comp.) BERIAIN, J. **Las Consecuencias Perversas de la Modernidad**. Anthropos, Barcelona, 1996.

LUPTON, D. **Risk**. Routledge: Canadá, 1999.

MACEDO, I.C. **A energia da cana-de-açúcar: doze estudos sobre a agroindústria da cana-de-açúcar e a sua sustentabilidade**. São Paulo: Ed. Berlendis & Vertech, 2005.

MAGALHÃES, E. S.; COVER, M. Uma análise da exploração dos trabalhadores migrantes no agronegócio canavieiro. In: XV Congresso Brasileiro de Sociologia. **Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, Curitiba, 2011.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política – Livro primeiro, volume II: O processo de produção do capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MENEZES, M. (et.al). Construindo narrativas orais: interações sociais no trabalho de campo. In: **Cadernos de Campo**. Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP. Ano 13. n.12 2004.

MENEZES, M. A. e SATURNINO, M. As migrações sazonais do sertão paraibano para as usinas canavieiras de São Paulo. In: **Migrantes: trabalho e trabalhadores do complexo agroindustrial canavieiro** (Os heróis do agronegócio brasileiro). [Organizado por] Novaes, J. R. e ALVES, F. São Carlos: EdUFSCar, 2007. p. 233-256.

MEYER, D. E. E. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. **Gênero**: Niterói, v. 6, n. 1, p. 81-104, 2. sem. 2005, p. 81-104.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

MORAES, A.A. de A. **Histórias de leitura em narrativas de professoras: uma alternativa de formação**. Manaus: Ed. Da Universidade do Amazonas, 1999/2000.

NARDI, H. C. O ethos masculino e o adoecimento relacionado ao trabalho. In: DUARTE, L. F. D.; LEAL, O. F. (Org.). **Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998. p. xx-xx

NOVAES, J. R. P. Idas e vindas, disparidades e conexões regionais: um estudo sobre o trabalho temporário de nordestinos na safra da cana paulista. In: NOVAES,

J. R. P; ALVES, F. J. C (Orgs.). **Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos: EdUFSCAR, 2007.

NOVAES, J. R.; ALVES, F. (organizadores). **Migrantes: trabalho e trabalhadores no Complexo Agroindustrial Canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos: EdUFSCAR, 2007.

OLIVEIRA, A. M. S. **O Processo de Reordenamento Territorial e Produtivo do Capital Agroindustrial Canavieiro e a Nova Geografia do Trabalho Migrante no Brasil**. In: VIII Jornada do Trabalho, 2007, Presidente Prudente. Modernidade e os Signos da Civilização da Barbárie para a Classe Trabalhadora. Presidente Prudente: CEGET/CEMOSI - Projeto Editorial Centelha, 2007. v. 01. p. 01-18.

POCHMANN, M. **Força de trabalho e tecnologia no Brasil: uma visão de história com foco atual na produção de cana-de-açúcar**. Rio de Janeiro: Revan, 2009.

PROÁLCOOL – PROGRAMA BRASILEIRO DE ÁLCOOL. Disponível em: <http://www.biodieselbr.com/proalcool/proalcool.htm>> Acesso em 25 de janeiro de 2015.

RIESSMAN, C. Thematic analysis. In: RIESSMAN, C. **Narrative methods for the human sciences**. Thousand Oaks, CA: Sage. 2008.

RIBEIRO, H. Queimadas de cana-de-açúcar no Brasil: efeitos à saúde respiratória. **Revista Saúde Pública**, nº 42 (2), 2008, pp. 370-376.

ROCHA, F. L. R. **Análise dos fatores de risco do corte manual e mecanizado da cana-de-açúcar no Brasil segundo o referencial da Promoção da Saúde**. Tese de Doutorado em Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

RODRIGUES, L. D. **A cana-de-açúcar como matéria-prima para a produção de biocombustíveis: impactos ambientais e o zoneamento agroecológico como ferramenta para mitigação**. Especialização Em Análise Ambiental, Universidade Federal De Juiz De Fora, Juiz de Fora, 2010.

SANTOS, A. M. F. T.; SOUZA, F. E. Cana doce, trabalho amargo: a superexploração do trabalhador canavieiro no município de Itaberaí-GO. **Revista Pegada** – vol. 13 n.2, dez, 2012. p. 102-127.

SANTOS, A. P. **O moinho satânico do agronegócio canavieiro no Brasil: dependência e superexploração do trabalho na região de Ribeirão Preto – SP**. Tese de Doutorado em Sociologia, UNICAMP, Campinas, 2013.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. Physis. **Revista de Saúde Coletiva**, n.º 17, sup. 1, 2007, p. 29-41.

SCOPINHO, R. A. Qualidade total, saúde e trabalho: uma análise em empresas sucroalcooleiras paulistas. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2000. p. 93 112.

SCOTT, J. W. Experiência. In: SILVA, Alcione da. et alli. *Falas de Gênero*. Florianópolis, Ed Mulheres, 1999, pp.21-55.

SEGRE, M.; FERRAZ, F. C. O conceito de Saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.31, n. 5, p. 538-542, 1997.

SHIMADA, S. O. A produção do açúcar e a exploração do trabalho no campo brasileiro. **Scientia Plena**. v. 9, n. 5, 2013.

SIBIEN, J. M. A trajetória de trabalhadores migrantes da cana-de-açúcar na região de Catanduva/SP. In: Seminário do Trabalho, 2010, Marília. Seminário do trabalho: trabalho, educação e sociabilidade, 2010. Disponível em: <
http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Julia_Maria_Sibien_a_trajetoria_de_trabalhadores_migrantes_da_cana-deacucar_na_regiao_de_catanduva.pdf> Acesso em: 12 jan. 2015.

SILVA, M. A. M. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

_____. Mortes e acidentes nas profundezas do _mar de cana e dos laranjais paulistas. In: **Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, v.3, n.2, artigo 1, abril/agosto 2008.

SILVA, M. S. **Entre o bagaço da cana e a doçura do mel: migrações e as identidades da juventude rural**. 2006. Dissertação Mestrado em Ciências Sociais - UFCG, Campina Grande, 2006.

_____. **Trabalhadores-migrantes nos canaviais paulistas: sociabilidades, condições de trabalho e formas de resistência**. 2011. Tese Doutorado em Ciências Sociais – UFCG, Campina Grande, PB, 2011.

_____. Trabalho e adoecimento de trabalhadores-migrantes nos canaviais do estado de São Paulo. In: MENEZES, M. A.; GOMES, R. A. (Org.). *Modernização e transformações no mundo rural: trabalho, atores e experiências*. João Pessoa: UFPB, 2014.

SILVA, M. S.; MENEZES, M. A. “A cana judia de nós!”: Os impactos da migração e da atividade de cortar cana-de-açúcar sobre a saúde dos trabalhadores-migrantes nordestinos. In: VIII Congresso da ALASRU. Anais VIII Congresso ALASRU: Porto de Galinhas, 2010.

SILVA, M. K. D.; ZEITOUNE, R. C. G. Riscos ocupacionais em um setor de hemodiálise na perspectiva dos trabalhadores da equipe de enfermagem. **Esc. Anna Nery Ver Enferm**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, abr./jun.2009. p. 279-286.

SPINK, Mary Jane Paris. Os contornos do risco na modernidade reflexiva: considerações a partir da psicologia social. **Revista Psicologia e Sociedade**, vol 12, 2001.

_____. Trópicos do Discurso sobre Risco: Risco-Aventura como Metáfora na Modernidade Tardia. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 17, nº. 6, Rio de Janeiro, 2001b.

MEDRADO, B.; MELLO, R. P. Perigo, Probabilidade e Oportunidade: A Linguagem dos Riscos na Mídia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, Porto Alegre, 2002.

Linguagem e produção de sentidos no cotidiano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

PEREIRA, A. B.; BURIN, L. B.; SILVA, M. A. da; DIODATO, P. R.. Usos do glossário do risco em revistas: contrastando "tempo" e "públicos". **Revista Psicologia, Reflexão e crítica**. Porto Alegre, vol. 21. nº 1, 2008.

VEIGA FILHO, A. A.; RAMOS, P. Proálcool e evidências de concentração na produção e processamento de cana-de-açúcar. **Informações econômicas**, São Paulo, v.36, n. 7, p. 48-61, jul. 2006.

VETTORASSI, A. **Laços de trabalho e redes dos migrantes: um estudo sobre as dimensões objetivas e subjetivas presentes em redes sociais e identidades de grupos migrantes de Serrana-SP e Guariba-SP**. Tese Doutorado em Sociologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2010.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WESTPHHAL, M. F. Promoção da Saúde e Prevenção de Doenças. In: CAMPOS G. W. S.; MINAYO, M. C.; AKERMAN, M.; DRUMOND JUNIOR, M.; CARVALHO, Y.M. **Tratado de Saúde Coletiva**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz; 2007. p. 653-663.

WITTIZORECKI, E. (et al.). Pesquisar exige interrogar-se: A narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do(a) pesquisador(a). **Movimento**, Porto Alegre, Vol. 12, n. 02, 2006, p. 09-33.

WOORTMANN, K. Cum parente não se negueia: o campesinato como ordem moral. Brasília: UnB, 1990. (Anuário Antropológico, 87).

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA PRÉ-ENTREVISTA

PRÉ-ENTREVISTA

1. DADOS GERAIS

- Nome
- Idade
- Sexo (1.Masculino; 2. Feminino)
- Cor/Raça:
- Escolaridade (1.Analfabeto; 2. Ens. Fund. Incompleto; 3. Ens. Fund. Completo; 4. Ens. Médio Incompleto; 5. Ens. Médio Completo; 6.Ens. Superior incompleto; Ens. superior completo)
- Estado Civil
- Têm filhos? Quantos?
- Local de moradia
- Tem terra? Quantos hectares?
- Condição de acesso à terra
- Outras ocupações no lugar de origem?
- Você é beneficiado por algum programa governamental? Qual?

2. DADOS MIGRATÓRIOS/ CONDIÇÕES DE TRABALHO

- Ano da primeira migração
- Município/Estado
- Usina/Empresa
- Função exercida
- Para quantos estados já migrou?
- Quantas safras já migrou?
- A migração foi por conta própria, ou alguma usina (empresa, arregimentador) veio contratar no município
- Como foi o processo de seleção?
- É acertado o local de moradia nos locais de destino?
- O salário?
- Quem cobre os custos da viagem?
- Quando saem do município de origem já sabem onde vão trabalhar?
- Vão em turmas ou sozinho?

3. QUESTÕES RELACIONADAS À SAÚDE

- Já adoeceu durante o período da safra? Qual foi a doença?
- Precizou de atestado médico quantas vezes durante a safra?
- Já sofreu algum acidente durante o trabalho? Qual?
- Conheceu alguém que faleceu durante o período que estava trabalhando no corte da cana? (Se sim) Qual foi a causa da morte? Em qual período da safra isso ocorreu?
- (PARA OS QUE NÃO MIGRAM MAIS) Qual foi o motivo de ter deixado de migrar?
- Tem a intenção de voltar a migrar? Por quê?

APÊNDICE B – PERGUNTA GERADORA ENTREVISTA NARRATIVA

- Pergunta geradora da entrevista narrativa: **COMO É PRA VOCÊ, SER UM CORTADOR DE CANA?**

APÊNDICE C – TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a),

Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa *O Inferno Verde: Narrativas sobre condições de trabalho e mortes nos canaviais*, sob a responsabilidade da pesquisadora Danielle Milenne Príncipe Nunes, sob a orientação da Prof^a. Dr^a Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro. Sua participação está sendo solicitada porque você foi ou é um trabalhador-migrante, que reside no município de Santa Cruz da Baixa Verde – PE.

Procedimento do estudo / sigilo das informações

Você está convidado a participar de uma entrevista individual que procura colher histórias sobre as condições/relações de trabalho, adoecimentos e mortes nos canaviais experimentadas direta ou indiretamente durante o processo migratório e de trabalho. As entrevistas serão gravadas e transcritas para facilitar o processo de análise dos dados da pesquisa. Nos registros escritos da pesquisa seu nome será omitido e serão tomadas providências para preservar sua identidade. As informações obtidas através da entrevista serão devidamente arquivadas por um período de 5 (cinco) anos após a conclusão de todas as etapas da investigação. Cumprido o prazo, todos os registros serão destruídos.

Riscos e desconfortos

Os diálogos a serem propiciados pela pesquisa podem causar constrangimentos pessoais e gerar desconforto. Em qualquer momento que isso ocorrer, você pode interromper sua participação no estudo.

Benefícios / custos

Não há benefícios diretos para você, embora a pesquisa possa permitir compreender processos de trabalho e do cotidiano que é/foi vivenciado. Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberá nenhum pagamento pela sua colaboração.

Comunicação sobre a pesquisa

Sempre que você desejar serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço das pesquisadoras responsáveis, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Contatos das pesquisadoras:

Danielle Milenne Príncipe Nunes (UFPE)

Telefone para contato: (87) 9910- 5833/ (87)9635-7868

E-mail: danielleprincipe@hotmail.com

Rosineide L. M. Cordeiro (UFPE)

Telefone para contato: (81) 3271-8860

E-mail: rocordeirope@gmail.com

Este estudo está vinculado ao projeto *Narrativas sobre a morte: experiência de mulheres trabalhadoras rurais e mulheres vivendo com HIV/Aids no jogo político dos enfrentamentos pela vida*, coordenada pela Prof^a Luciana Kind (PUC Minas) e cocordenada pela Prof^a Rosineide Cordeiro (UFPE) que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coordenado pela Prof^a Cristiana Leite Carvalho, que poderá ser contatada em caso de questões éticas, pelo telefone (31) 3319-4517 ou e-mail cep.proppg@pucminas.br.

Declaração de consentimento

Eu, _____, RG _____, concordo em participar como informante da pesquisa *O Inferno Verde: Narrativas sobre condições de trabalho e mortes nos canaviais*. Fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como sobre os riscos decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que minha identidade será mantida em sigilo, e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

		____/____/____
Local		Data

Nome do entrevistado	
Tel. / e-mail de contato	
Assinatura	

Pesquisador(a)	
Tel. / e-mail de contato	
Assinatura	